

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Andrea Carolina Veras Oliveira Pereira de Souza

**Violência, Mídia e Velhice:
O idoso nas páginas policiais de Pernambuco**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

**São Paulo
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Andrea Carolina Veras Oliveira Pereira de Souza

**Violência, Mídia e Velhice:
O idoso nas páginas policiais de Pernambuco**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para a obtenção do
título de Mestre em Gerontologia pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, sob
orientação da Profª Drª Beltrina Côrte.

**São Paulo
2009**

BANCA EXAMINADORA

Dedicatoria
Dedicatoria

**Dedico o trabalho a meus avós,
Júlio e Josefa Veras,
que foram fundamentais em minha vida.**

À minha mainha Josenilda Veras, pessoa admirável, meu exemplo de luta, perseverança e coragem, onde encontro força em meus momentos de fraqueza e a quem amo a cada dia.

Ao meu companheiro de vida, amigo, amante, a quem escolhi para construir um lar, uma família. Aquele com quem divido meus sonhos, tristezas, realizações e que está ao meu lado em todas as horas. A você meu amor, Paulo Fernando.

A meus filhos Júlio, Laura e Mariana que me fizeram crescer como mãe e pessoa, fonte das minhas aspirações, motivo de meu orgulho, alegria de meu viver.

AGRADECIMENTOS

À Beltrina Côrte, orientadora e amiga, luz que me guiou e incentivou para a realização do mestrado na gerontologia, norteou minha pesquisa, esteve presente nos momentos felizes e foi meu apoio em minha dor.

Aos meus professores da Gerontologia por todo carinho e atenção, em especial a Maria Helena Villas Boas, Suzana Medeiros, Elisabeth Mercadante, Paulo Renato Canineu e Vera Valsecchi de Almeida.

Aos meus colegas de mestrado com quem aprendi, através de seus trabalhos e experiências, os desejos, anseios e dores dos idosos.

Ao amigo e colega de mestrado, Cleber Leôncio pelo apoio e carinho.

Aos colegas da Unidade de Comunicação Social da Polícia Civil de Pernambuco, os jornalistas Pedro Francisco da Silva, Carmem Gominho e Elias Higino; a Jailton Tavares e Manoel Liberato pelo apoio na coleta de dados de minha pesquisa.

À jornalista Juliana Albuquerque, com quem tirei dúvidas jornalísticas.

À Bernadete de Oliveira, por toda sua atenção e auxílio com o tratamento e apresentação dos dados, bem como pela contribuição com a análise dos mesmos.

RESUMO

PEREIRA DE SOUZA, Andrea Carolina Veras Oliveira. **Violência, Mídia e Velhice: o idoso nas páginas policiais de Pernambuco.** São Paulo, 2009.

O desenvolvimento das tecnologias é um dos responsáveis, nas últimas décadas, pelo envelhecimento populacional, o que repercute diretamente na vida das sociedades e dos indivíduos que a compõem. Responsável, ainda, pelas mudanças radicais na forma como a informação é gerada, propagada e absorvida. Se o crescimento da população idosa foi a causa de a pessoa ser tratada como “feia, inútil e improdutiva”, o crescimento dos meios de comunicação fez a notícia passar a ser tratada como bem simbólico, produto com valor econômico definido. Entender o que a mídia mostra, o que deixa de mostrar, como faz sua seleção e quais as consequências, especialmente quando pessoas idosas se tornam notícia, levou à formulação da pergunta norteadora desta investigação: como as páginas policiais dos jornais de Pernambuco cobrem a violência e a velhice? Partiu-se de coleta de dados de textos selecionados a respeito da velhice e violência, em jornais do arquivo da unidade de Comunicação Social da Polícia Civil de Pernambuco, nos anos 2005 e 2006. Esses arquivos dizem respeito a prisões, operações policiais, morte, atropelamento e violência em geral. São eles o Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Folha de Pernambuco, jornais diários de grande circulação em todo o Estado. De domingo a sábado, todos os dias, foram recortados e arquivados esses assuntos, identificando a seção e o veículo de comunicação que tivessem notícias sobre pessoas a partir de 60 anos, consideradas pelo Estatuto do Idoso como limite para início de sua proteção. Para organizar o material selecionado foi essencial desenvolver um questionário semiestruturado, com perguntas fechadas e abertas, cujas respostas foram digitadas no software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), para tratamento estatístico dos dados. Foram encontradas 219 notícias envolvendo pessoas idosas e a violência, em 2190 edições, no período de janeiro de 2005 a dezembro de 2006. Destas, 169 recortes se referem a pessoas idosas como vítimas da violência e 50 a pessoas idosas como acusadas da violência. A pesquisa revelou que a mídia noticia os crimes nos quais os idosos são vítimas. Mostrou também que existe espaço para a divulgação dos casos nos quais o idoso é o autor, não somente vítima. A proporção entre vítimas e autores indicou maior frequência dos crimes cometidos contra os idosos, mas houve incidência significativa de crimes cometidos pelos idosos. Aspecto interessante desse quadro é a superação da imagem dos idosos apresentados quase exclusivamente como “bonzinhos”, “sábios” e sem outras preocupações que não viver a vida. A concentração da cobertura dos jornais se deu nas agressões físicas. O padrão de exposição da violência dificulta que os crimes que mais atingem os idosos em seu cotidiano, ou seja, a violência doméstica, a apreensão dos cartões dos benefícios e apreensão dos próprios benefícios, fiquem mais visíveis e, portanto, não se mobilizem recursos públicos para enfrentá-los. Não são suficientemente publicadas notícias sobre a violência contra os idosos.

Palavras-chave: Violência, Mídia, Velhice, Pernambuco, Páginas Policiais

ABSTRACT

PEREIRA DE SOUZA, Andrea Carolina Veras Oliveira. Violence, Media and Old Age: the elderly citizen in the crime section of newspapers from Pernambuco. São Paulo, 2009.

The development of technologies has been one of the responsible factors, in the last decades, for the ageing of the population, which has a direct effect on the life of societies and of the individuals that compose them. It has been responsible, also, for the radical changes in the way information is generated, disseminated and absorbed. If, due to the growth of the elderly population, the person started to be treated as "ugly, useless and unproductive", the growth of the means of communication made the news start to be treated as symbolic goods, a product with defined economic value. Understanding what the media shows, what it does not show, how the selection is made and with what consequences, especially when elderly individuals become news, led to the formulation of the question that guided the present investigation: how does the crime section of the newspapers from the city of Pernambuco (northeastern Brazil) cover violence and old age? Data were collected through the selection of texts concerning old age and violence, in newspapers from the archives of the Social Communication unit of the Civil Police of Pernambuco, in the years 2005 and 2006. These archives are related to prisons, police operations, death, people being run over, and violence in general. They are: *Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco* and *Folha de Pernambuco*, daily newspapers that have a large circulation in the entire State. Every day, from Sunday to Saturday, these matters were cut out from the newspapers and filed, identifying the section and vehicle of communication that published news about people aged 60 or older, which is considered by the Senior Citizen Statute as the limit for the beginning of their protection. To organize the selected material, it was essential to develop a semi-structured questionnaire, with closed and open questions, whose answers were keyboarded in the software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), for the statistical treatment of the data. The study found 219 pieces of news involving elderly people and violence, in 2910 issues, in the period from January 2005 to December 2006. Of these, 169 clippings refer to the elderly as victims of violence and 50 to elderly individuals as being accused of violence. The study revealed that the media publishes the crimes in which the elderly are victims. It also showed that there is space for the publication of cases in which the elderly are the authors, not only victims. The proportion between victims and authors indicated a higher frequency of crimes committed against the elderly, but there was a significant incidence of crimes committed by the elderly. An interesting aspect of this scenario is the fact that the elderly are no longer presented almost exclusively as "good", "wise people" and with no worries other than living their lives. The newspapers' coverage concentrated on physical aggressions. The pattern of violence exposure obscures the visibility of the crimes that most affect the elderly in their daily lives, that is, domestic violence, apprehension of benefit cards and apprehension of the benefits themselves. Therefore, there is no allocation of public resources to face these crimes. Pieces of news on violence against the elderly are not sufficiently published.

Keywords: Violence, Media, Old Age, Pernambuco, Newspaper's Crime Section.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre violência e pessoa idosa, por ano. 2005 e 2006 (n=219).....	41
Gráfico 2 – Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência. 2005 e 2006 (n=165).....	47
Gráfico 3 – Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência. 2005 e 2006 (n=50).....	54
Gráfico 4 - Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre crimes diversos tendo a pessoa idosa como acusada da violência. 2005 e 2006 (n=16).....	57
Tabela 1 – Distribuição dos jornais pernambucanos por editorias e tiragem. 2005 e 2006.....	39
Tabela 2 – Distribuição da frequência da publicação de jornais com notícias sobre violência e pessoa idosa, por ano. 2005 e 2006 (n=218).....	42
Tabela 3 – Distribuição da frequência do mês da publicação de notícias sobre violência e pessoa idosa, por ano. 2005 e 2006 (n=219).....	43
Tabela 4 – Distribuição da frequência do mês da publicação de notícias sobre violência e pessoa idosa, por dia da semana. 2005 e 2006 (n=219).....	43
Tabela 5 – Distribuição da frequência das notícias sobre violência e pessoa idosa, por editoria, jornal e ano. 2005 e 2006 (n=218).....	44
Tabela 6 – Distribuição da frequência das notícias sobre violência e pessoa idosa, por presença de título, subtítulo, olho, intertítulo no texto; por jornal e ano. 2005 e 2006 (n=218).....	45
Tabela 7 – Distribuição da frequência das notícias sobre violência e pessoa idosa, por fonte, personagem e espaço onde a notícia ocorreu; por jornal e ano. 2005 e 2006 (n=218).....	46
Tabela 8 – Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre a categorização da pessoa idosa como vítima da violência. 2005 e 2006 (n=219).....	48
Tabela 9 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por mês e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=165).....	49
Tabela 10 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por dias da semana e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=165).....	50
Tabela 11 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por jornal e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=164).....	50

Tabela 12 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por editoria e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=165).....	52
Tabela 13 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por fonte, personagem e espaço no qual a notícia ocorreu, por jornal e ano. 2005 e 2006 (n=218).....	53
Tabela 14 - Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência. 2005 e 2006 (n=219).....	55
Tabela 15 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por mês e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).....	59
Tabela 16 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por dia da semana e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).....	60
Tabela 17 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por jornal e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).....	61
Tabela 18 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por editoria e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).....	62
Tabela 19 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por fonte e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).....	63
Tabela 20 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por personagem e espaço onde ocorreu a notícia e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).....	64

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I	
1. Mídia e Interesse Mercadológico.....	4
Capítulo II	
2. Violência.....	12
Capítulo III	
3.	
Velhice.....	21
Capítulo IV	
4. Monitoramento da Mídia.....	27
4.1 Contexto da Pesquisa.....	27
4.2 Violência na Mídia.....	31
4.3 Primeiras Impressões.....	32
4.4 Veículos Pesquisados.....	34
4.5 Busca da Violência e Pessoa Idosa.....	37
Capítulo V	
5. O que os números falam da violência?.....	41
5.1 A pessoa idosa como vítima da violência.....	46
5.2 A pessoa idosa como acusada da violência.....	53
Considerações Finais.....	65
Referências Bibliográficas.....	71
Apêndice 1	
Questionário Recortes de Jornais.....	73
Apêndice 2	
Freqüência Absoluta das Categorias.....	75

Introdução

A ideia de trabalhar com o tema violência, mídia e idoso surgiu da observação da mídia, especialmente dos jornais de Pernambuco, concomitantemente ao trabalho que desenvolvia à época, como chefe do Departamento de Comunicação da Polícia Civil.

Observava do casarão da rua da Aurora, sede da Polícia Civil, muitas passeatas de protestos pela morte de mulheres que se dirigiam ao Palácio do Campo das Princesas, sede do governo. Pernambuco congregou grandes mobilizações na luta contra a violência que vitima mulheres. A sociedade civil, muitas ONGs, profissionais liberais e imprensa cobravam e cobram respostas da polícia e do governo. A população tem consciência do problema, se comove com as perdas e acompanha a cobertura da mídia.

Violência, abuso, exploração sexual e tráfico de crianças e adolescentes também motivam campanhas, geram mobilizações e coberturas. Mas quanto à violência contra idosos não há nada similar.

Percebi, pelos jornais, que a morte de idosos e violências por eles sofridas e praticadas não tinham tanta repercussão na mídia. Havia poucos desdobramentos dos casos e nenhum sentimento de que a situação precisava mudar, e a violência praticada em sua maioria por familiares precisava ter fim. Ou seja, parecia existir pequena divulgação e nenhuma mobilização.

Diante dessas inquietações tomei a decisão de pesquisar o tema em jornais do arquivo da unidade de Comunicação Social da Polícia Civil de Pernambuco.

Descobri, na pesquisa bibliográfica - e foi ele grande incentivo para desenvolver meu projeto -, o trabalho da professora Drª Beltrina Côrte sobre velhice e violência na mídia. Trata-se de coleta de dados de textos selecionados a respeito da velhice, envelhecimento e violência, em jornais diários que circulam na cidade de São Paulo. Os jornais pesquisados foram Valor Econômico, Jornal da Tarde, Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo, no período de junho a agosto de 2004 e junho a agosto de 2005.

A riqueza das informações da orientadora Beltrina, já em meu curso de mestrado, foi de grande importância para o desenvolvimento e aprimoramento da minha pesquisa. No exame de qualificação, a professora Drª Flamínia Lodovici, em sua análise, assinalou que a reflexão que envolve a articulação entre tratamento midiático da notícia e caracterização de violência contra a pessoa idosa propicia, como se pode prever, campo fértil de investigação, pelas seguintes razões: a) ser tema de interesse social, pois os resultados da pesquisa podem trazer aplicabilidade a parcela considerável da sociedade: pessoas vitimadas pela violência, especialmente no seio da família; b) e a razão de ordem teórica, pois coloca na cena dos estudos científicos o envelhecimento, mais propriamente a “velhice fragilizada”, no que ela tem de problemática, voltando seu olhar tanto para as próprias pessoas vitimadas pelas consequências da violência, quanto para os encaminhamentos e os desdobramentos na mídia.

No campo pessoal e emocional, a velhice, UTI e morte foram descobertas a partir dos meus avós: ele com problemas nos rins e sessões de hemodiálise, e ela acometida de câncer por oito anos.

A forma como a família tratou os problemas foi dolorosa para todos os envolvidos. A ânsia de prolongar a vida na UTI a qualquer custo trouxe muito sofrimento.

Mudou totalmente meu olhar para esses assuntos, em meus estudos na Gerontologia e com a experiência dos colegas de mestrado. Lamento apenas não ter aprendido como lidar melhor com a situação antes das mortes. Teria tentado evitar que a família (filhos) da minha avó permitisse entubá-la para prolongar por uns dias uma vida já no fim. Sinto ao me lembrar de seus olhos tentando falar o que a voz não mais podia. Teria talvez abreviado a partida, mas escutaria suas últimas palavras e o seu adeus... “Te amarei para sempre”.

O trabalho surgido desse universo se compôs da seguinte maneira: o primeiro capítulo discorre sobre a mídia, sua importância crescente e os interesses de mercado que a movimentam. No segundo capítulo abordam-se o conceito de violência e suas dificuldades. O terceiro trata do conceito de velhice, entendida como construção social, e suas transformações. Já o quarto capítulo fala do

monitoramento da mídia e inclui considerações sobre o contexto de pesquisa, violência na mídia, veículos pesquisados, descrição do caminho de pesquisa e instrumentos utilizados. Resultados obtidos, tabelas e análise de dados estão no quinto capítulo, intitulado “O que os números falam da violência?” As considerações finais são apresentadas em seguida. Seguem-se bibliografia e apêndices.

Capítulo I

Mídia e Interesse Mercadológico

O desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, sobretudo o ocorrido a partir do século XX, provocou mudanças radicais na forma como a informação é gerada, se propaga e é absorvida. O crescimento dos meios de comunicação fez a notícia passar a ser tratada como bem simbólico, produto com valor econômico definido.

Thompson (2007) comenta esse crescimento, utilizando-se de Habermas para mostrar que o surgimento da “esfera pública burguesa”, ou seja, espécie de fórum de debates criados na esteira dos cafés literários que discutiam questões diversas, entre elas as de interesse político, constitui seu potencial de formação de opinião a partir dos jornais impressos. Para o autor, a “esfera pública” era teoricamente aberta a todos, mas de acesso restrito aos que detinham educação (o que quase sempre exigia posses). No entanto, ela demonstrava possibilidades de comunidade de cidadãos, iguais entre si, que formavam opinião a partir da discussão crítica e do debate.

A importância da ideia de “esfera pública” remete a uma espécie de utopia da democracia moderna, lugar de levar a público, dar publicidade a temas diversos, em um campo estabelecido como intermediário entre questões tradicionalmente públicas (de Estado, ou dos tribunais) e tradicionalmente privadas (família e troca econômicas). Thompson (2007) afirma que, para Habermas, a “esfera pública” perde boa parte de seu potencial crítico com fatores como o intervencionismo estatal e o crescimento das organizações industriais. Todavia, o crescimento vertiginoso da comunicação de massa, crescente concentração comercial que representou, seus métodos e controle das informações veiculadas por ela fizeram pensar no esgotamento da esfera pública burguesa.

O desenvolvimento da indústria de comunicação de massa, para Thompson (2007), tem papel central na constituição e entendimento das sociedades

modernas, permanecendo onipresente na vida cotidiana contemporânea, dominando a produção e circulação das formas simbólicas. Segundo ele, o desenvolvimento dos meios técnicos reconstituiu limites entre vida privada e vida pública: acontecimentos privados podem ser transformados em acontecimentos públicos, uma vez veiculados por veículos de comunicação de massa, e acontecimentos públicos podem ser vivenciados em situações privadas.

Thompson (2007), embora destaque o caráter predominantemente unilateral da comunicação de massa e a dificuldade para a mobilização advinda da recepção dos produtos simbólicos em espaços privados e fragmentados, considera que se produziu enorme controle sobre as imagens públicas veiculadas. Mas que, paradoxalmente, também se produziu maior possibilidade de publicidade indesejada e consequente destruição das mesmas imagens.

O autor usa o exemplo dos políticos que compõem imagem pública dirigida aos eleitores, têm consciência dessa dimensão cênica de suas atuações, e ao mesmo tempo estão expostos à destruição de sua imagem pela veiculação de acontecimentos privados e públicos de hoje e de toda a sua trajetória. Os meios técnicos permitem a veiculação além do tempo e do espaço presentes.

A visibilidade criada pelos meios de comunicação de massa é espada de dois gumes: hoje, líderes políticos podem procurar manipulá-la continuamente, mas eles não podem controlá-la totalmente. A visibilidade mediada é condição inevitável da política institucionalizada na era moderna, mas ela tem consequências incontroláveis para o exercício do poder político. (THOMPSON, 2007, p.322)

A mídia, embora com alta capacidade de influenciar - potencializa, inclusive, desejos e meios de serem realizados -, não deve ser considerada poder totalizante, mas grande interrogação que se abre cada vez mais ao escrutínio dos pesquisadores dedicados a entender o que se mostra, o que se deixa de mostrar, como a mídia faz sua seleção e quais as consequências.

Para alguns autores, como Bucci & Kehl (2004), o fenômeno da comunicação de massa é tão importante que, hoje em dia, o espaço público se confunde com o espaço da mídia. Aquilo que não é retratado nos noticiários, não

exposto ao grande público, praticamente não existe. Estar fora dos noticiários quase significa inexistir.

Existir é, antes de mais nada, apresentar a própria imagem para o Outro. O que equivale dizer para um adulto que já tenha ultrapassado as fronteiras dos complexos familiares, que existir é apresentar a própria imagem no espaço público. É no espaço público que o sujeito atesta que sua existência faz alguma diferença. (...) (BUCCI; KEHL, 2004, p.150)

Para esses autores, estar fora da mídia pode significar não existir para a vida social; estar excluído do espaço público. O argumento é similar ao apresentado por Bourdieu (1997, p.18). Tratando do mesmo tema, comunicação de massa, cita o filósofo Berkeley para afirmar: “Ser é ser percebido”. Acrescenta que hoje, ser percebido é ser “percebido” pelos jornalistas, especialmente os da televisão.

O que é oferecido para ser percebido pelos meios de comunicação torna-se questão central para a sociedade contemporânea. Isso leva a pensar na seleção do que é oferecido. Bourdieu (1997) argumenta que a seleção do que é apresentado está a serviço da manutenção simbólica da sociedade, dentro do conceito de violência simbólica, para mostrar como pensamentos, imagens e sentimentos que não se coadunam com a manutenção da ordem simbólica são excluídos ou bloqueados. Violência simbólica se exerce nas relações sociais e em especial nas comunicações pela mídia. Para Bourdieu:

Violência simbólica, que é violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e, também, com frequência dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. Consiste nos mecanismos anônimos, invisíveis, através dos quais se exercem as censuras de toda ordem que auxiliam a manutenção de uma ordem simbólica. (BORDIEU, 1997, p.20)

A apresentação da ordem simbólica se relaciona também a não questionar estruturas e não nomear conflitos estruturais da sociedade. Bourdieu (1997)

exemplifica com denúncias de pessoas corruptas, por exemplo, sem que se discuta o campo que permite, favorece e convida a que se corrompam.

Bourdieu, nos textos citados, e diferentemente de outros autores pesquisados (Thompson, Bucci, Khel e Chauí), não articula explicitamente a produção e a circulação de bens simbólicos ao conceito de ideologia, ou seja, criação e manutenção de sistemas de dominação (THOMPSON, 2007).

Como o conceito de dominação é central na obra de Bourdieu, ele escolhe não dialogar com o conceito de ideologia do legado marxista, propondo seus próprios conceitos. Em seus próprios conceitos explica a seleção de temas pelos jornais. Para ele: “Os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam seleção e construção do que é selecionado” (Bourdieu, 1997, p.25).

Na seleção são utilizadas regras implícitas e explícitas. Para Bourdieu:

Os jornalistas, *grosso modo*, interessam-se pelo excepcional, pelo que é excepcional para eles. O que pode ser banal para outros poderá ser extraordinário para eles ou ao contrário. Eles se interessam pelo extraordinário, pelo que rompe com o ordinário, pelo que não é cotidiano – os jornais cotidianos devem oferecer cotidianamente o extracotidiano, não é fácil... Daí o lugar que conferem ao extraordinário ordinário, isto é, previsto pelas expectativas ordinárias, incêndios, inundações, assassinatos, variedades. Mas o extraordinário é também e sobretudo o que não é ordinário com relação aos outros jornais.(1997, p.27)

Curioso é que Bourdieu (1997) observa que a busca do “furo”, paradoxalmente conduz à uniformização e banalização dos jornais e das notícias, pelo efeito de cópias de outros jornais que, ademais, estão circunscritos a fontes limitadas (poucas agências de notícias). Uma das razões mencionadas pelo autor é a prática da leitura dos concorrentes e *clipping*: para saber o que dizer é preciso saber o que os outros disseram. Bourdieu acrescenta: “Essa espécie de jogos de espelhos refletindo-se mutuamente produz formidável efeito de barreira, de fechamento mental” (1997, p.33).

O argumento de Bourdieu conduz a pensar sobre a autonomia do campo jornalístico:

O jornalismo é microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte de outros microcosmos. Dizer que ele é autônomo, que tem sua própria lei, significa dizer que o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos. (1997, p.55)

Para o sociólogo francês o jornalismo é um campo, e o campo, por sua vez, é campo de forças, espaço social estruturado: “Há dominantes e dominados, há relações constantes permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças” (1997, p.57).

No entanto, é necessário esclarecer que autonomia não significa não receber influência ou influenciar outros setores da sociedade. O sociólogo chega a afirmar que mídia cria realidade (1997, p.31), e explicita: “O campo jornalístico age, enquanto campo, sobre os outros campos. Em outras palavras, um campo, ele próprio cada vez mais dominado pela lógica comercial, impõe cada vez mais suas limitações aos outros universos” (1997, p.81).

Para o pensador francês a escolha de temas como dramas pessoais está a serviço da distração: “Tomemos o mais fácil: as notícias de variedades que sempre foram o alimento predileto da imprensa sensacionalista; o sangue e o sexo, o drama e o crime sempre fizeram vender, e o reino do índice de audiência devia alçar à primeira página, à abertura dos jornais televisivos, esses ingredientes que a preocupação imposta pelo modelo da imprensa escrita seria levara até então a afastar ou a relegar. Mas as variedades são também notícias que distraem” (BORDIEU, 1997, p. 22).

Já para Chauí (2006), o apelo da mídia às questões da vida privada significa também derrubar diferenças entre espaço público e privado. Segundo ela,

trata-se do apelo à intimidade, à personalidade, à vida privada como suporte e garantia da ordem pública. Em

outras palavras, os códigos da vida pública passam a ser determinados e definidos pelos códigos da vida privada, abolindo-se a diferença entre espaço público e espaço privado. (2006, p.9)

A autora destaca o fato de a constituição da opinião pública passar a apelar cada vez mais diretamente aos sentimentos dos receptores das notícias, em detrimento do apelo à razão e aos argumentos, o que relaciona com o advento do neoliberalismo e sua marca que, segundo Chauí (2006, p.69), é o “encolhimento do espaço público e o alargamento do espaço privado.”

Um dos efeitos das mudanças é certa desmobilização em relação aos problemas sociais e políticos. Para Chauí, os jornalistas passam, assim, a ocupar o lugar que tradicionalmente, cabia a grupos e classes sociais e partidos políticos.

A seleção dos temas que interessam aos grandes meios de comunicação atende a preceitos mercadológicos e abrange desde as relações entre audiência e vendagem de produtos até a captação de votos em período eleitoral. A escolha dos assuntos, sobretudo jornalísticos, não é feita de forma a refletir a realidade, mas de maneira que atenda aos critérios considerados válidos do ponto de vista do mercado.

Stuart Hall ressalta, entre outros temas, “desastres, dramas, os gestos do dia a dia - cômicos e trágicos – de pessoas vulgares, a vida dos ricos e poderosos (...)” (1999, p.225) como temas que encontram lugar regular nas páginas de jornal.

O mito do jornalismo imparcial há muito foi derrubado pelos estudiosos no assunto.

Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se superpõe e domina a realidade real na qual ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela da realidade da qual é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade ele a capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é, justamente, a parte da realidade que não percebe diretamente, mas por conhecimento (ABRAMO, 2003, p.24).

Pelas mesmas razões mercadológicas, ocorre a superexposição de fatos e imagens violentas pela imprensa, na forma de publicações apelativas e dirigidas, em geral, às camadas populares de menor nível de escolaridade.

A violência seduz e é produto de consumo, dando importante retorno financeiro para aqueles que a expõem. Para Ronchetti (2007), algumas explicações podem ser dadas para a exploração de fatos violentos e negativos pela imprensa, entre elas existir assimetria básica entre o que é positivo e de absorção demorada, e o negativo, inusitado e mais rápido.

Acrescente-se que o apelo emocional dirigido ao receptor das notícias que têm a violência oferecida como espetáculo parece ser menos ambíguo, exercendo atração imediata que convida à execração do “culpado”. Ou seja, como a curiosidade liga à notícia, seremos conduzidos em um mundo em que a distinção entre certo e errado parece óbvia e consensual.

Compara-se a dificuldade de transitar em outros assuntos ao tipo de adesão imediata e passional provocada pelas notícias de violência. Diariamente veiculam-se casos chocantes - comoção pública imediata -, mas que não resultam em discussões sérias e soluções efetivas.

O apelo à atenção do leitor, segundo Dines (1972, apud DIAS, p.32), é a primeira etapa do processo de comunicação, “é o esforço para oferecer ou provocar sensações que vão acender o nosso mecanismo de comportamento para aceitar, absorver e responder à mensagem”.

A comoção é o efeito buscado para as pessoas se ligarem às notícias, mas raramente há mobilização. Entre os fatores:

- omissão das características estruturais dos fenômenos relatados, e, por conseguinte, a personalização dos “culpados” e descontextualização das condições nas quais a violência se dá. (BORDIEU, 1997)
- violência simbólica e consequente omissão dos sistemas de dominação e dos conflitos. (BORDIEU, 1997)
- aspecto predominantemente unilateral da comunicação de massa, que convida à recepção passiva da informação. (THOMPSON, 2007)

- recepção da informação em locais privados e que não favorecem debate público e mobilização política. (THOMPSON, 2007)
- caráter ideológico a que pode ser submetida a informação, ou seja, a possibilidade de usar informação sobre violência para criar e manter sistemas de dominação. (THOMPSON, 2007)
- manutenção de mito sobre Brasil como país não violento; portanto, afirmando violentos e violência como estrangeiros ao país. (CHAUÍ, 2006)
- nivelamento da informação sobre violência com outras informações de entretenimento produzindo *fast-food* de informações no qual um evento é imediatamente sobrepujado por outro. (BUCCI, KHEL, 2004)

A violência exibida pela mídia é tema recorrente quando se fala sobre imprensa no Brasil. O problema é bastante complexo e, em geral, tratado em subdivisões específicas, dependendo do foco: violência urbana, contra criança, contra mulher, contra idosos etc.

Como se tem destacado, importante papel na criação e manutenção dos sistemas de dominação e de consumo se dá por meio da criação, transmissão e recepção de formas simbólicas pela mídia. Processos que moldam a experiência cultural da sociedade, como alerta Thompson (2007). Reveste-se de crucial importância analisar a divulgação das formas simbólicas em relação a aspectos específicos como, por exemplo, construção de determinada associação entre violência e velhice.

Deve haver preocupação com o que está sendo reproduzido e com o que pode estar sendo criado. Thompson afirma: “Os meios técnicos da comunicação de massa são de interesse fundamental, não apenas como canais de difusão e circulação das formas simbólicas, mas, também, como mecanismos que criam novos tipos de ação e interação, novos tipos de relações sociais que se difundem no tempo e no espaço” (2007, p.342).

Capítulo II

Violência

A violência é tema que, embora muito visitado, mantém complexidade e é verdadeiro desafio. Há muitas razões para que isso se dê: entre elas, a grande variedade de fenômenos agrupados sob designação “violência”. O fato de o mesmo fenômeno ser ou não considerado violento, bem como dificuldade de distinção entre conceito de violência e conceitos afins, como autoridade, poder e força.

Utilizaremos a referência a Hannah Arendt, especialmente a obra *Sobre a violência*, em quem nos fundamentamos para a tentativa de distinguir conceitos importantes e referências aos autores brasileiros para a organização dos fenômenos.

O texto da escritora alemã foi produzido no ano de 1968 e veio à luz em 1969, nos Estados Unidos. No contexto de sua produção encontram-se a revolta estudantil, manifestações violentas racistas e antirracistas, guerra do Vietnam e a Guerra Fria, bem como se fazia presente e determinante o impacto da Segunda Guerra Mundial. Foi, portanto, em um universo especialmente turbulento que a filósofa alemã, de origem judia e exilada na América, escreveu o referido texto. Ela buscou nos conceitos, mais que no cotidiano, explicações que a ajudassem. Sua discussão dos conceitos até hoje alimenta reflexões sobre a violência contra o idoso na esfera pública, âmbito para o qual as reflexões eram dirigidas, e também, pensamos, abre reflexões quanto à esfera doméstica.

A definição de poder da autora, basicamente a capacidade de criar consenso e agir conjuntamente sem coerção, é fundamental. A partir daí ressalta-se a característica produtiva e não a repressiva do poder, bem como se distingue o poder de seu representante usual, o Estado. Violência, por sua vez, é relacionada ao domínio dos meios instrumentais, técnicos, de impor a vontade própria a outrem, apesar da discordância desta. Assim, ela afirma como protótipo do poder a ação consensual de todos, e como protótipo da violência a imposição

da vontade de um só sobre todos. A autoridade é relacionada pela autora ao reconhecimento público. Especialmente volátil, perde-se a autoridade pelo excesso de força tanto quanto pela sua ausência. Força (vigor) é apresentada como a capacidade de agir, impulso em direção à ação, ou à transformação, dirigida a coisas materiais ou aos objetos da esfera pública.

As distinções são complexas e embora inspiradoras, não esgotam os problemas, mesmo porque o mundo real não se limita à discussão conceitual. As situações concretas ignoram a pureza conceitual e os fenômenos apresentam combinações desiguais dos conceitos discutidos.

Além do tema da violência, razão do presente capítulo, vale a pena uma pequena incursão no campo da autoridade, pois esteve solidamente associada ao envelhecimento nas religiões tradicionais, nas sociedades agrárias e mercantis pré-modernas. A autoridade em questão ligava-se ao reconhecimento que desfrutava quem envelhecia, por ter sobrevivido e acumulado experiências e conhecimentos de interesse geral.

A sociedade moderna e o capitalismo desenvolvido minam as fontes do reconhecimento da autoridade dos que envelhecem, porque deixam de reconhecer valor no que absorveram como experiência e têm a transmitir. A organização social aproveita ao máximo as novidades que surgem. Estar aberto ao novo é a palavra de ordem, e as experiências passadas são progressivamente destituídas de status e importância.

No âmbito das famílias as experiências sobre os procedimentos em relação às pessoas e coisas são atropeladas pela rapidez de informações especializadas a respeito de relacionamentos, alvo de vários saberes, bem como novos objetos domésticos com diversas versões e questões técnicas. O aprendizado não é transmitido pelas pessoas mais velhas, mas pelos sistemas especializados e mídia, onipresente na apresentação de questões e de soluções. A própria dimensão do tempo se altera: a sociedade requer mais velocidade, e os mais velhos a ela se integram, principalmente como consumidores ou como problema. Vivemos como se não houvesse conhecimento relevante a ser transmitido pelas

antigas gerações, grande contraponto a todos os avanços conseguidos pelos idosos.

Os idosos foram, portanto, destituídos de sua autoridade, do reconhecimento de seu poder de deter e transmitir conhecimento. A perda da autoridade, somada à diminuição da força física e à diminuição da força econômica, torna-os desprotegidos.

A não proteção tem aspectos públicos na sociedade na qual a juventude é referência, e se orgulha de ser o “país do futuro”. São três os aspectos básicos:

- Visibilidade: reconhecimento de conjunto significativo da população brasileira com necessidades diferenciadas;
- Políticas Públicas e Sociais: de que forma o Estado organiza a proteção desse segmento da população, em especial da população de idosos com baixa renda;
- Participação cidadã: de que forma os próprios idosos têm voz ativa na determinação de aspectos da vida pública, em especial das políticas públicas e sociais que lhes concernem.

A filósofa Marilena Chauí (2006), autora na qual também se fundamenta este trabalho, parte da ideia de Hannah Arendt de “banalização do mal” para comentar a violência na mídia brasileira. Mas diferentemente dela, começa por observar na mídia às referências à violência.

De fato, a violência é posta como *sinônimo* de chacina, massacre, guerra civil tácita e indistinção entre crime e polícia – a violência é o que se exprime através dessas imagens, *localiza-se* nelas. Crise ética, fraqueza da sociedade civil e debilidade das instituições políticas relacionam-se com a violência de outra maneira: indicam *impotência* no combate à violência, já definida e localizada noutro lugar; ou seja, a questão ética, a social e a política não são percebidas como *formas de violência*, mas como instrumentos débeis para combatê-la. A distinção entre os dois grupos de imagens e expressões, um deles como portador da violência e o outro como impotente diante dela, não é senão a nova maneira de repetir o modo como no

Brasil evitamos discutir em profundidade o fenômeno da violência. (2006, p.117)

A partir daí a filósofa busca nos dicionários as diversas definições de violência (2007, p.118): a) Consultando os verbetes no dicionário, percebemos um conjunto de significados relacionados entre si, formando um campo de sentido: violência é tudo que age usando a força para ir contra a natureza própria de alguma coisa ou de alguém (é desnaturar); b) é ato em que usa a força para ir contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (estuprar, deflorar, deturpar, torturar, devassar, brutalizar, constranger, coagir) ou para manchar o que é sagrado (poluir, profanar).

Percorrendo as definições dos dicionários, Chauí (2006) relaciona violência com a quebra das regras sociais, uso de força ou intensidade sem limite, ou seja, falta de medida ou de moderação. A autora também restringe violência, em sentido próprio, às relações entre humanos, definindo seu campo como os da ética e da política. Ao final do percurso, Chauí conclui:

Podemos dizer que, na cultura ocidental, a violência consiste no ato físico, psíquico, moral ou político, pelo qual um sujeito é tratado como coisa ou objeto. A violência é a brutalidade que transgredire o humano dos humanos e que, usando a força, viola a subjetividade (pessoal, individual, social), reduzindo-a à condição de coisa. (2006, p.123)

A partir de sua definição, a filósofa renova a perplexidade diante da apresentação do Brasil como país não violento. Atribuirá à crença na não violência brasileira a característica mítica.

A sociedade brasileira vive sob o mito de sociedade pacífica, um país sem guerras, sem grandes conflitos ou injustiças (Chauí, 2000). Nada mais distante de nossa realidade histórica, como esclarece a autora: dizimamos as populações indígenas; fomos o país que conviveu mais tempo com a escravidão; exploramos a população pobre e tivemos violentos movimentos autoritários e sangrentos conflitos de terra que, por sinal, permanecem.

Grandes segmentos da população encontram-se ainda hoje à margem das condições adequadas de sobrevivência: sem saneamento básico, moradia adequada, alimentação suficiente, acesso à educação, assistência social e saúde. Os mais frágeis, doentes, idosos e crianças são os mais expostos a riscos, entre os privados de condições adequadas de existência.

O mito da convivência harmoniosa no país impede que os conflitos sejam vistos como tais, com suas raízes e consequências. Uma mitologia que, segundo Chauí, é construída por intermédio de dois procedimentos principais:

- 1) procedimento de exclusão: afirma-se que a nação brasileira é não violenta e que os brasileiros não são violentos; portanto, se há violência, é praticada por gente que não faz parte dessa nação (mesmo que aqui viva e aqui tenha nascido). O mito produz a imagem de um “nós” contra um “eles” que os coloca fora, nas margens dessa nação.
- 2) procedimento de distinção entre essencial e acidental: por essência (ou por natureza), a nação é não violenta e, portanto, a violência é algo acidental, “surto”, “onda”, “epidemia”. A violência pode acontecer sem afetar a essencial não violência brasileira. A violência é passageira, momentânea e pode ser afastada.

Para Chauí (2006) a construção mítica:

- a) localiza no crime a violência, em especial os crimes contra o patrimônio e contra a vida;
- b) explica a violência por meio de momentos excepcionais, como os da industrialização, urbanização e o momento de transição do arcaico para o moderno;
- c) produzativamente a amnésia social, contando a “história dos vencedores”;
- d) procede por máscaras, igualando e homogeneizando atitudes violentas muito diversas.

A autora destaca uma das máscaras: “A afirmação do caráter natural e sagrado da família (2007, p.132). Certamente, a família pode ser protetora, como

também o país se mostra acolhedor, mas não há nenhuma garantia de que as famílias sejam sempre protetoras e que os interesses nelas presentes sejam harmônicos ou harmonizáveis.

Os conflitos de gênero, raciais e os jogos de poder caracterizam a família tanto quanto sua capacidade de acolhimento e proteção de seus membros. Um conflito especial é sua característica básica: entre idades. Os conflitos de idade têm duas vertentes, caracterizados como sistema de dominação: domínio autoritário dos adultos sobre as crianças e domínio dos adultos mais jovens sobre os idosos.

Na concepção harmoniosa e, portanto, mítica, da família, é do interesse dos adultos a preservação e desenvolvimento das crianças e o bem-estar dos idosos. Na prática, os interesses são convergentes ou divergentes de acordo com circunstâncias, mesmo quando os adultos estão realmente interessados no desenvolvimento das crianças e no bem-estar dos idosos. A situação se complica quando há conflitos estabelecidos de forma rancorosa, ou quando o bem-estar de um segmento se dá à custa do mal-estar de outros membros da família, como na distribuição de recursos insuficientes para toda a família.

A temática da família é de suma importância para o tema da Gerontologia, pois principalmente na família se dá o cotidiano dos idosos. Mesmo o poder público e a comunidade sendo solidariamente responsáveis pelos idosos, sobre a família recai a concentração de cuidados.

Conforme Sarti (2003), as populações pobres do Brasil mantêm a família como valor fundamental e dela dependem de fato. O grupo familiar constitui-se no principal anteparo diante das vicissitudes do mundo, por causa do recuo, ou ao não estabelecimento das ações governamentais de proteção e garantias mínimas.

O cotidiano relacional do idoso pode ser tão desprotegido na família como a população idosa, especialmente a população pobre, diante da sociedade. Na família, reproduzem-se, em termos de micropoderes, relações desiguais naturalizadas. Homens idosos que deixam de ser provedores podem passar a ser considerados inúteis, e mulheres idosas resumidas à condição de cuidadoras disponíveis em tempo integral.

Para utilizar definições instrumentais de violência, foi feita uma pequena pesquisa. Segundo o Dicionário Houaiss, violência é “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento,残酷, força”. No aspecto jurídico, o mesmo dicionário define o termo como “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”.

Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”. Todavia, a imposição de “uma dor e sofrimento evitáveis” torna ainda mais subjetiva e ambígua a definição.

Anthony Asblaster, no Dicionário do Pensamento Social do Século XX, diz que não existe definição consensual ou incontroversa de violência. Para ele, o termo é potente demais para isso ser possível.

Minayo afirma:

“Encerrar a noção de violência numa definição fixa e simples é expor-se a reduzi-la, a compreender mal sua evolução e especificidade histórica. A maior parte das dificuldades para conceituar a violência vem do fato de ela ser um fenômeno da ordem do vivido, cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia”. (2006, pp.13 e 14)

Faleiros (2007) diz que a violência é processo social relacional complexo e diverso. É processo relacional, pois deve ser entendido na estruturação da própria sociedade e das relações interpessoais, institucionais e familiares.

Em meio à variedade de definições e conceitos, optamos por utilizar na violência que tem o idoso como vítima a tipologia da violência adotada na cartilha produzida pela Secretaria Especial de Direitos Humanos: “Violência contra Idosos – o Avesso de Respeito à Experiência e à Sabedoria”, de Minayo (2006), que são:

- Violência física: uso da força física para compelir os idosos a fazerem o que não desejam, para feri-los, provocar dor, incapacidade ou morte.

- Violência psicológica: corresponde a agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, humilhar, restringir a liberdade ou isolar do convívio social.
- Violência sexual: refere-se ao ato ou jogo sexual de caráter homo ou hetero-relacional, utilizando pessoas idosas. Esses abusos visam a obter excitação, relação sexual ou práticas eróticas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças.
- Abandono: violência que se manifesta pela ausência ou deserção dos responsáveis governamentais, institucionais ou familiares, de prestarem socorro a pessoa idosa que necessita de proteção e assistência.
- Negligência: refere-se à recusa ou omissão de cuidados devidos e necessários aos idosos por parte dos responsáveis familiares ou institucionais. A negligência é uma das formas de violência mais presentes no país. Ela se manifesta, frequentemente, associada a outros abusos que geram lesões e traumas físicos, emocionais e sociais, em particular, para quem se encontra em situação de múltipla dependência ou incapacidade.
- Violência financeira ou econômica: exploração imprópria ou ilegal ou ao uso não consentido pela idosa de seus recursos financeiros e patrimoniais.
- Autonegligência: diz respeito à conduta da pessoa idosa que ameaça sua própria saúde ou segurança, pela recusa de prover cuidados necessários a si mesma.
- Prevenção: categoria encontrada nesta pesquisa a qual aborda a violência e a velhice não no sentido de denúncia, mas de prevenção.

Além dessas classificações, foram utilizadas às relativas aos acidentes de trânsito, regidos pela Lei nº 9.503, de 23.9.97, do Código de Trânsito Brasileiro; e à prevenção, entre outras, regidas por estratégias públicas que visam promover a prevenção da violência.

Em relação à violência que tem como autor o idoso, a referência é o próprio Código Penal em vigor, em especial algumas definições relativas a:

- Crimes contra a vida: Homicídio – Art. 121 do Código Penal Brasileiro – Matar alguém.
- Lesões corporais: O fender a integridade corporal ou a saúde de outrem.
- Crimes contra a liberdade individual: Privar, constranger ou ameaçar alguém no seu direito de ir e vir através de violência física ou psíquica.
- Crimes contra o patrimônio: Subtrair para si ou para outrem, coisa alheia móvel.
- Estelionato e outras fraudes: Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil ou qualquer outro meio fraudulento. Art. 171 do Código Penal Brasileiro.
- Crimes contra a liberdade sexual: Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique atos que atentem contra a sua liberdade sexual.
- Tráfico de entorpecentes: Comércio, posse ou uso de entorpecentes ou substância que determine dependência física ou psíquica.

Capítulo III

Velhice

O tema da velhice é amplo e multifacetado. O curso de Gerontologia ensina que conceito de velhice é construção social que muda com o decorrer do tempo e das culturas.

A velhice já foi confundida com o envelhecer dos objetos, o desgastar e perder o valor. Houve silêncio sobre o envelhecer, denunciado por Beauvoir (1970), análogo ao silêncio sobre a morte.

Homens e mulheres idosos foram considerados sem papéis sociais após cumprirem designações sociais de eles serem provedores e elas as mães. Como se, após isso, nada restasse a ser feito. Obviamente, essa designação não fazia jus às ações de homens e mulheres idosos na respectiva família e na vida social.

Também se concebeu a velhice como inherentemente associada à deterioração da saúde e das faculdades mentais, igualando a velhice ao adoecimento. E como eram relativamente poucos (em relação ao total da população) os idosos, facilmente as necessidades foram pouco consideradas.

O aumento da expectativa de vida, o aumento em números absolutos e em números relativos da população idosa, o enfrentamento de muitas doenças do envelhecimento, a expansão das aposentadorias e mobilização social para a proteção dos idosos carentes e não assistidos pela família obrigaram a ser questionadas as concepções sobre a velhice.

Surgiram a questão social do idoso e um campo de conhecimento destinado a compreendê-lo: Gerontologia. E um campo de conhecimento médico destinado a tratar essa população: Geriatria. Formas de proteção social foram criadas e reivindicações dos idosos, ou de especialistas sobre o envelhecimento, passaram a ser consideradas nas políticas públicas. Diversos profissionais prepararam-se para atender o idoso, novo mercado de trabalho foi criado ou adaptado.

As pesquisas mostraram diversas formas de envelhecer, enriquecendo e questionando a ideia de deterioração e de doenças. O mercado descobriu no idoso grande potencial de consumo. Como consumidor, é recolocado em cena de forma diferente. Envelhecer placidamente não atendia às expectativas do mercado.

Surgem designações que se pretendem menos estigmatizantes, como “terceira idade” e “idade feliz”. Se o idoso que se atrevia a viver a vida de forma diferente do que se esperava, como pessoa que já viveu e espera a morte, poderia ser alvo de zombarias e discriminação, surge a valorização do idoso de “alma jovem”, que se movimenta e diverte-se como nunca. E estava submetido a regimes extensos de trabalho: doméstico e/ou profissional.

Cada sociedade arbitra quem é o idoso. Nos países em desenvolvimento, na forma legal passou-se a considerar idoso o indivíduo com 60 anos ou mais. A definição do grupo assinala quem goza das proteções especiais. Mas a definição de uma fase da vida pode não corresponder a uma identidade comum a todos os idosos.

Mercadante (1997) ensina que a subjetividade não se apaga com a velhice, e cada pessoa carrega consigo sua história e a possibilidade de ressignificá-la. As designações gerais, por mais generosas que sejam, carregam atribuições que pessoas em particular não estão dispostas a aceitar.

Parte da população idosa, identificada com a designação de terceira idade, vive as potencialidades das novas aquisições do envelhecer, mas não se identifica com a velhice e com os velhos. Sabem e exigem direitos, e elogiam a capacidade de viver bem. Mas como são “vistos” os mais idosos, aqueles para quem a decrepitude física se fez acompanhar dos anos, acometidos de doenças degenerativas, antiquados, e que desejam permanecer antiquados? Não são os velhos de hoje? Ter “alma jovem” não se tornou necessidade para ser reconhecido como pessoa e cidadão?

Para Debert (2004), a nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e

emocionais fundamentais para se reconhecer o indivíduo como ser autônomo, capaz do exercício pleno de sua cidadania.

Como ensina Foucault (1984), saberes geram poderes e disciplinas. As disciplinas conduzem os indivíduos. Campos de tensão, portanto, capazes de libertar e coagir. “Saber envelhecer” é caminho que não corresponde aos desejos de algumas pessoas. Não considerar suas limitações e a própria inevitabilidade da morte é efeito colateral dos avanços conseguidos? Existiria risco de responsabilizar o idoso que está debilitado pelos problemas que apresenta?

Para Debert, a dissolução desses problemas nas representações gratificantes da terceira idade é elemento ativo na reprivatização do envelhecimento, pois a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha espaço para situações de abandono e dependência. Essas situações passam a ser vistas como consequência da falta de envolvimento em atividades motivadoras ou da adoção de forma de consumo e estilo de vida inadequados (2004, p.15)

Problema que tende a se agravar, segundo Debert (2004, p.21),

Os indivíduos não são apenas monitorados para exercer uma vigilância constante do corpo, mas são também responsabilizados pela sua própria saúde, através da idéia de doenças autoinfligidas, resultados de abusos corporais, como a bebida, o fumo, a falta de exercícios.

A homogeneização da velhice pode se dar também por se desconsiderar os diferentes recortes de renda, cultura, étnicos e de gênero. Se essas categorias fazem diferença na vida da população, dificilmente aconteceria algo distinto na velhice. Definem condições diversas, status diversos, bem como as próprias condições corporais marcam possibilidades que se alteram com o acaso - intercorrências como acidentes limitadores - e com as possibilidades de acesso a tratamento.

Para complicar, as interações entre idade, etnia, renda e gênero não se dão de forma simples, entendidas sempre na mesma direção. Idosos pobres teriam importância familiar aumentada porque sua aposentadoria é fundamental para a

sobrevivência da família. E mulheres idosas se tornariam fundamentais nos cuidados dirigidos a netos e sobrinhos. Mulheres são habitualmente o público das faculdades de terceira idade, mas a representação dos “aposentados” é feita principalmente por homens (Debert, 2004).

Comunidades quilombolas seriam campo mais amistoso para idosos do que grupos urbanos, e com idosos índios haveria reconhecimento da importância na transmissão de cultura, mas isso não acontece na maioria da população. A regra geral - maior poder para homens, brancos e ricos - faz sentido, mas não é lei universal.

Curiosamente, a geração que no momento encontra-se com mais de 60 anos, no Brasil, é ter sido geração socializada em um modelo patriarcal de família, portanto, há nas experiências lugares muito diferenciados para homens e mulheres. E presenciou e/ou participou dos questionamentos sobre o lugar da mulher em nossa sociedade, sobre modelos familiares, divórcio e outras mudanças. Por exemplo, intensa urbanização e aumento expressivo da influência da mídia, em especial da televisão.

De acordo com Debert (2004), a diferença de experiências relatadas por homens e mulheres se relaciona à possibilidade de as mulheres comemorarem uma liberdade recém-conquistada e os homens estarem saudosos do poder que eles não detêm da mesma forma. Embora, segundo a autora, seja comum a idealização, pelos idosos de hoje, da forma pela qual os idosos de antes eram tratados, com respeito e autoridade. É também comum a comemoração das conquistas obtidas, como condições de saúde e liberalização dos costumes.

As conquistas da geração, ou melhor, das gerações acima de 60 anos, precisam ser refeita cotidianamente por homens e mulheres. Em cada família lutam para equilibrar demandas familiares com as próprias demandas pessoais. Em nenhum momento isso fica tão evidente como na atualidade, em que a pessoa com mais de 60 anos estabelece nova ligação amorosa.

O casamento na terceira idade tem sido tema explorado em pesquisas.¹ Em uma delas, observa-se a desmistificação da imagem do idoso como pouco interessado, ou pouco capaz, de vida afetiva e sexual, além de haver a oportunidade de conhecer os preconceitos enfrentados por aqueles que iniciam novos relacionamentos amorosos. O humor irônico e a redução das pessoas às funções exercidas na família (vovô e vovó) são formas de controle sempre presentes no cotidiano dos pretendentes a se tornarem casais. Segundo plano de controle é a frequente suposição de que o companheiro e/ou companheira está se relacionando com o idoso por interesse e não por amor, suposição tão disseminada que chama a atenção. Ela ocorre mesmo quando não há diferenças significativas de posses ou de idade, mesmo com a segurança oferecida pelo regime obrigatório de separação total de bens.

Parece que, apesar de todas as conquistas relativas à “terceira idade”, não existe ainda abertura suficiente para se encarar possibilidades de relação afetiva e sexual das pessoas idosas, em especial as relações que ensejam transformar-se em compromisso de casamento. É como se as dificuldades estivessem colocadas contra uma suposição de pano de fundo: o(a) idoso(a) por si só não pode ser capaz de atrair a atenção, afeto e sexualidade de outra pessoa; qual é o real interesse em jogo?

As relações temporárias e voláteis, características das relações adolescentais, parecem ser mais aceitas, ou seja, a imposição de que os idosos se comportem pelos modelos e regras das pessoas mais jovens.

Outro aspecto que merece ser destacado em relação à velhice é que a garantia de prioridade aos idosos só faz efeito real se as condições mínimas dos serviços utilizados por eles forem suficientes para atendimento adequado.

Por exemplo, assentos prioritários e passagem livre em ônibus superlotados, escassos, com portas de entrada muito altas e motoristas que evitam parar nos pontos nos quais os idosos se encontram sozinhos, acabam não permitindo o deslocamento adequado de idosos com limitações físicas.

¹ Como foi o caso do trabalho apresentado no Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento: Casamento na Terceira Idade, maio de 2008.

Da mesma forma, longas filas, poucos médicos, funcionários hostis, hospitais superlotados e poucos leitos para internação não garantem o acesso à Saúde.

Muitas pautas de reivindicação dos idosos engrossariam a luta por cidadania: por exemplo, paz e educação no trânsito. Enquanto as faixas de pedestres forem apenas sujeira no asfalto, carros nas calçadas (calçadas com temíveis desníveis e buracos); tempos de travessia de semáforos excessivamente curtos; alta velocidade do tráfego combinada com ausência de pontos seguros de travessia, não existirá proteção possível aos idosos. A segurança urbana é análoga, não há como garantir proteção aos idosos em um clima de criminalidade, com altos índices de roubos, arrombamentos e assassinatos.

Para os idosos identificados com a “idade feliz”, e para idosos ligados à luta dos direitos dos aposentados, é um desafio ocupar espaços públicos com as próprias reivindicações e prioridades, mesmo quando as pautas são de interesse amplo e não somente do segmento idoso. Como é desafiador que segmento tão heterogêneo busque formas de representação direta e não representados por especialistas.

Com o crescimento do número de idosos, passaram a ser não somente alvo do mercado de consumo, mas também formadores de opinião, com votos decisivos nas diversas disputas republicanas. Portanto, como os idosos são mostrados, vistos e se veem apresentam mais repercussões do que se prevê e descreve.

Capítulo IV

Monitoramento da Mídia

4.1 Contexto da Pesquisa

Pernambuco é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado no centro-leste da região Nordeste e tem como limites os Estados da Paraíba (N), Ceará (NO), Alagoas (SE), Bahia (S) e Piauí (O), além de ser banhado pelo Oceano Atlântico (L). Ocupa área de 98.311 km² (pouco menor que a Coreia do Sul). Também faz parte do seu território o arquipélago de Fernando de Noronha. Sua capital é a cidade do Recife.

A versão da origem do nome *Pernambuco* mais aceita é que vem do tupi Paranã-Puca, que significa "onde o mar se arrebenta", pois a maior parte do litoral do Estado é protegida por paredões de recifes de coral.

Os municípios mais populosos são Recife, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Paulista, Caruaru, Petrolina, Cabo de Santo Agostinho, Garanhuns, Vitória de Santo Antão e Igarassu.

Pernambuco tem população de 8.810.256 (estimativa para 2009), densidade populacional de 80,3 hab./km² (2000), padrão relativamente alto para o país; 76,5% de sua população são urbanos (2000), refletindo a alta densidade da faixa litorânea em relação ao escasseamento de moradores na região semiárida. O crescimento demográfico chega a 1,20% ao ano (1991-2000), com número de domicílios atingindo 1.968.294 (2000). A carência habitacional é estimada em 387.648 (est. 2000); 70,5% de sua população têm acesso à água (2000) e somente 43,8% têm acesso à rede de esgotos (2000). O IDH do Estado é de 0,718 (2005).

Pernambuco concentra em sua história quase a exata antítese do mito de país pacífico e sem violência do qual fala Chauí, reflexão mencionada neste trabalho. Na história de colonização há a invasão dos holandeses e sua posterior expulsão, movimentos dos quais a população indígena participou ativamente.

Posteriormente, a Guerra de Canudos se reflete no Estado, mas é o fenômeno do cangaço que deita raízes no imaginário da população.

O cangaço interessa como fenômeno e matriz cultural. Este trabalho utiliza a obra de Mello (2004), seguidor de Gilberto Freyre. Deve ser ressaltado, inicialmente, que mais da metade do Estado localiza-se no sertão, região dura, que conforma vida dura e cria homens e mulheres de forma dura. Mas Pernambuco não é só o sertão, mas também rica faixa litorânea de água abundante e boas terras. No contraste abundância/secura eis o Estado e sua gente.

O ciclo do gado e o ciclo do açúcar são as imagens históricas dessa divisão. O açúcar foi explorado após a derrubada da Mata Atlântica, em atividade coletiva que atinge ares de indústria, configurada pela família patriarcal e escravidão. O ciclo do gado se constrói com homens isolados na imensidão da caatinga, enfrentando a seca e a hostilidade dos animais selvagens e dos índios da região. Homens guerreiros o suficiente para serem decisivos no episódio da expulsão dos holandeses. Mello (2004) conta que a guerra contra Tapuias, Pegas e Coremas durou de 10 a 15 anos.

O homem do gado, segundo Mello, 2004, desenvolveu modos próprios de fazer suas tarefas:

A disparidade do atuar de cada um, na realidade das tarefas pecuárias, condicionou o homem do ciclo do gado, tornando-o – não custa repetir – individualista, autônomo, senhor de sua própria vontade e, sobretudo, improvisador. (MELLO, 2004, p.43)

O isolamento contribuía para particularizações. A referência ao Estado e mesmo à Igreja não chegava aos rincões. O sertão se torna espécie de mundo à parte, e sua integração é lenta, e talvez ainda incompleta. Nesse universo, uma das leis é a vingança, considerada não só direito, mas obrigação: “No sertão, quem não se vinga está moralmente morto” (MELLO, 2004, p.63).

É possível concluir como esse ideário medieval sobreviveu no sertão de Pernambuco. Basta citar a guerra entre as famílias Ferraz e Novaes, da cidade de

Floresta, ainda tensa e presente na política local. As mortes, vingança de uma família em relação à vizinha, solidificaram um ciclo autoalimentado que dura anos e quase conduziu ao desaparecimento de ambas.

O gado se espalhou pela imensidão da Caatinga, escapando de cobras e não deixando de alimentar bandidos desgarrados e onças. Em sua defesa o homem do gado se tornou adestrado guerreiro, na mesma proporção em que é um trabalhador.

O quadro se compõe com as grandes secas, provocando fome, perda das roças e toda a riqueza dos vaqueiros: cabeças de gado transformadas, primeiramente, em alvo de famintos e, depois, em esqueletos. Momentos em que os homens do sertão se dirigiam às terras litorâneas, em busca de comer e partilhar a abundância.

Nas situações de carência vicejam as figuras violentas que Mello (2004) distingue como *valentão*, *cabra*, *jagunço*, *pistoleiro* e *cangaceiro*. Para o autor, valentão é o braço vingador de família em luta; cabra, ou capanga, homem armado que possui patrão ou chefe - em tempos de paz lava ou cuida do gado, mas quando do ataque assume posição defensiva; jagunço é guerreiro especializado, contratado para artes de confronto. Jagunço é espécie de precursor do cangaceiro e do pistoleiro (com características urbanas, individuais e veladas; o cangaceiro tem características grupais, rurais e ostensivas).

O crime do pistoleiro, que se perpetua até hoje, é a morte por encomenda, de tocaia, eficiência sem coragem nem enredo. Os crimes dos cangaceiros são o saque, a tomada das fazendas e/ou cidades, batalhas corajosas, vingança e *valentia*.

Os contingentes de jagunços desmobilizados, deslocados, deram origem a bandos de cangaceiros, que tinham como principal característica não haver patrões, “sem rei e nem lei”, embora se relacionassem com os coronéis. Podiam ser contratados por eles em artes de guerra, ou atacá-los em busca de saques. Eram as disputas eleitorais a grande oportunidade para os grupos terem permissão de atacar alguns, ou contratados para defender outros, movimentos orquestrados com os pequenos poderes locais. Enquanto isso foi conveniente,

houve vista grossa. Até o quadro se tornar insustentável, porque a guerra de propaganda e os feitos de cangaceiros, como Lampião, desafiaram a capacidade do governo de se mover, e as providências eram essenciais. Para Mello (2004), o cangaço permaneceu durante longo tempo como fenômeno endêmico tolerado, até se tornar epidêmico e ser repelido.

A principal forma de entrada no cangaço era por necessidade, força da destruição dos meios de vida que a seca provocava. Mello distingue o cangaço como meio de vida, do cangaço de vingança e refúgio. Enquanto as motivações dos dois últimos poderiam cessar, a perseguição acabar, a vingança ser consumada, o cangaceiro por meio de vida, no cangaço permanecia porque era onde encontrava sustento e pertencimento. Mas o desejo de vingança fornecia o “escudo ético” para os cangaceiros fazerem o que relata a história, e serem cantados não só como bandidos, mas como heróis. Heroísmo que vinha do enfrentamento dos grandes, vingança contra injustiças e afrontas cometidas, justiça feita aqui e agora por meio das armas brancas e de fogo, linguagem que o sertanejo bem conhece.

O cangaço foi “campeão de audiência” na divulgação boca a boca e cordel. Cada detalhe vivido e/ou imaginado foi cantado e espalhado. Os jornais venderam muito: havia fotos dos cangaceiros e notícias alarmantes de cidades atacadas e destruídas. O trabalho de Mello (2004) leva a refletir sobre uma das razões da popularidade de Lampião e de seus feitos, seu “escudo ético”, nas palavras do autor: o alardeamento dos agravos sofridos por sua família, dos quais ele se arvora vingador. O agravo deu a Lampião justificativa para suas atividades, compartilhando um código moral de vingança.

Os valores sertanejos são transmitidos em Pernambuco de forma cotidiana. Lampião e Maria Bonita são personagens folclóricos, mas os valores de independência, altivez, honra, agravo e desagravo ainda estão presentes, com forte conotação machista e violenta.

O envelhecimento da região é reconhecido pelos próprios meios de comunicação. O Diário de Pernambuco, no dia 3 de outubro de 2009, anunciava que entre 1991 e 2000 a população do Estado com idade superior a 65 anos

cresceu cerca de cinco vezes mais do que a população como um todo. Enquanto o total de idosos de Pernambuco aumentou 6,8%, a população em geral avançou apenas 1,2%. O crescimento dos idosos no estado - 486, segundo Censo de 2000 - foi um pouco maior que o do Nordeste (6,5%) e do Brasil (6,4%), com 19 milhões. Na década de 80, uma pessoa pernambucana vivia cerca de 48 anos; passou para 62 anos em 90. Hoje, segundo o mais recente estudo do IBGE, alusivo a 2006, a média de vida em Pernambuco é de 67,9 anos.

4.2 Violência na Mídia

A violência que tem no idoso o personagem principal, como autor ou vítima, é praticada em instituições de longa permanência, públicas ou privadas, ou ainda a violência doméstica, muitas vezes causada pelos familiares. Embora “faça parte” do dia a dia da sociedade, não parece obter a devida atenção dos meios de comunicação.

Em Pernambuco há disque-denúncia do idoso, promotoria e vara especializada, Conselho do Idoso e Delegacia do Idoso (todos com grande número de informações em relação à violência contra idosos), fontes oficiais do Estado e ainda ONGs que trabalham com o tema. Apesar disso, saem poucas matérias, nos jornais, denunciando instituições clandestinas de longa permanência, fora das regras da ILPIs e Vigilância Sanitária, ou as que praticam maus-tratos.

Segundo Rolim,

Alguns estudos nos EUA demonstraram que a morte de negros e de etnias minoritárias não chama tanto a atenção da mídia. O trabalho de Johnstone et al. (1994), por exemplo, comparou 212 casos de homicídios relatados por dois diários de Chicago (Tribune e Sun-Times) com os 684 casos de homicídios registrados pela polícia no mesmo período. Brancos assassinados mereciam mais atenção do que vítimas negras; e homicídios de pessoas de classe média, ou ricas, também importavam muito mais. Os assassinatos de mulheres e crianças são tratados sempre com maior destaque do que os de adultos. (2006, pp. 193,194)

Estudo recente de Peelo et al. (2004) avaliou a cobertura dos casos de homicídios na Inglaterra e no País de Gales, entre 1993 e 1997, em três jornais nacionais (*The Times*, *The Mail* e *The Mirror*), comprovando que algumas circunstâncias que acompanham os homicídios os tornam mais ou menos “noticiáveis”. Foi constatado que apenas 40% dos homicídios foram divulgados por, pelo menos, um dos três jornais analisados.

Surpreendentemente, nesse mesmo estudo, apenas 14% dos homicídios foram noticiados pelos jornais, o que sugere a existência de critérios de seleção em cada veículo. O trabalho comprova que homicídios sexuais ou aparentemente “irracionais” possuem maiores chances de virar notícia. A pesquisa também demonstra que homicídios de crianças entre 4 e 14 anos atraem significativa atenção. Os autores sublinham que a percepção do público sobre a própria violência será influenciada por esses critérios de seleção. Mais do que isso, sustentam que se todos os homicídios são chocantes, apenas alguns levarão à conclusão de que “algo precisa ser feito” (ROLIM, 2006, p.193).

4.3 Primeiras Impressões

Esta pesquisa nasceu da curiosidade despertada quando estava à frente do Departamento de Comunicação Social da Polícia Civil de Pernambuco. A esse setor são encaminhadas as informações mais importantes, do interesse da população, referentes a prisões, operações policiais e seus resultados, estatísticas das delegacias, campanhas educativas feitas pela polícia e delegacias, inclusive do interior do Estado e, ainda, informações internas da polícia e agenda do chefe geral da polícia.

Tive oportunidade de observar o funcionamento das delegacias do Estado por cinco anos e analisar, por meio da mídia, as áreas com maior visibilidade. As delegacias especializadas, como a de Criança e Adolescente, Mulher, Roubos e Furtos e Homicídios, sempre tiveram grande cobertura das ações, por causa de assuntos de interesse da população e também por estarem localizadas na capital, o que favorece a cobertura da grande imprensa.

Avaliávamos a cobertura jornalística por meio da clipagem (recorte) das matérias dos jornais do que saía sobre a Polícia Civil e Secretaria de Defesa Social, ao qual somos subordinados. Além disso, fazíamos relatórios mensais das matérias, classificando-as como positivas e/ou negativas. O foco era a Polícia e a cobertura dos jornais sobre o trabalho desenvolvido nas delegacias. Com isso tínhamos, mensalmente, visão das ações de repercussão na mídia e os assuntos mais visíveis.

Observei que quando não havia notícias de outros setores, como educação, política e/ou saúde, os relatos prendiam-se a brigas de vizinhos e traições conjugais, os populares “barracos”, que ganhavam destaque nos programas policiais sensacionalistas, de televisão, rádio e mesmo nos jornais.

Em abril de 2005 foi inaugurado o Núcleo de Proteção ao Idoso. Participei da organização desse evento porque o Departamento de Comunicação, o qual chefiava, acumular a função do ceremonial da Polícia Civil.

O Núcleo não tinha status de delegacia, mas era responsável para receber, do Ministério Público, denúncias de maus-tratos aos idosos. E gerenciaria estatísticas, capacitações e esclareceria a população, inclusive nas próprias comunidades, os direitos das pessoas da terceira idade.

Comecei a despertar para o trabalho desenvolvido com idosos e demanda de denúncias feitas, inclusive analisando estatísticas do disque-denúncia do idoso. A partir desses dados observei que o número de matérias veiculadas nos jornais pernambucanos era muito pequeno em relação à incidência de violências praticadas contra os idosos.

No ano de 2006, decidi fazer mestrado e estudar os idosos. Na Internet (em pesquisa “on line”) descobri o *Portal do Envelhecimento*² e, por meio dele, a Pontifícia Universidade Católica da São Paulo e o mestrado em Gerontologia. No site do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia conheci a professora Beltrina Côrte, que por e.mail me incentivou a desenvolver e aprimorar minha pesquisa. E me tornei membro do grupo de pesquisa Longevidade,

² www.portaldoenvelhecimento.net

Envelhecimento e Comunicação (LEC), da PUC-SP, do qual a professora é líder. Foi o início da trajetória desta pesquisa.

4.4 Veículos Pesquisados

Diante da decisão de fazer o mestrado, resolvi que o material de pesquisa seriam os arquivos dos jornais do Departamento de Comunicação da Polícia Civil. Os veículos pesquisados neste trabalho são Diário de Pernambuco, Jornal do Comercio e Folha de Pernambuco, jornais diários de grande circulação em todo o Estado.

1) Diário de Pernambuco

O Diário de Pernambuco foi fundado em 7 de novembro de 1825, o jornal mais antigo da América Latina. Com passado histórico, procurou se atualizar tecnologicamente. Dispõe de um dos mais avançados parques gráficos do país, cuja rotativa off-set, uma Goss Newline, imprime 70 mil exemplares por hora, com fotos e anúncios coloridos cobrindo as páginas. A rotativa, estrutura de 400 toneladas, funciona ativada por sistema informatizado.

Depois de longas e difíceis negociações, incorpora-se, em 1931, aos Diários Associados, concretizando-se sonho acalentado por Assis Chateaubriand. O Diário toma novo impulso: cria seções e amplia serviços noticiosos, recebendo, com exclusividade, despachos do Chicago Daily News e da United Press. Opera ainda com Reuters, International News Service e British News Service.

Chateaubriand, que alimentava profundo sentimento de admiração pelo Diário, dizia que o jornal recifense era "a praça forte da liberdade".

Hoje, o Diário de Pernambuco tem tiragem, de segunda a sexta, de 50 mil exemplares, e sábado e domingo de 65 mil. Seu público alvo são as camadas A, B e C.

O Diário de Pernambuco tem como presidente o jornalista Joezil Barros, e faz parte do grupo dos Diários Associados, composto por 15 jornais, entre eles

Correio Braziliense, Diário Mercantil (RJ) e Estado de Minas (MG); 12 rádios, como Rádio Clube FM (PE, PB, DF, RN), Rádio Tupi AM (RJ); oito emissoras de televisão, entre elas TV Clube Pernambuco, TV Alterosa (MG), TV Brasília (DF) e TV Clube (PB), nove portais e cinco sites, uma fundação e outras cinco empresas.

2) Folha de Pernambuco

Fundada em 3 de abril de 1998, a Folha de Pernambuco tornou-se o maior sucesso editorial dos últimos anos no Estado. Caracterizado pela aceitação do público, o jornal incorporou novo universo de leitores, impulsionando o hábito da leitura diária em todas as camadas sociais. Com apenas um ano e sete meses de circulação, conquistou, ao lado de outras 16 empresas nordestinas, o grande prêmio Top de Marketing da ADBV (Associação de Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil), que o classificou como o maior case editorial do ano. Em julho de 2001, a Folha de Pernambuco realizou modernizações gráficas, tornando-se mais colorida, com leveza que facilita a leitura. A mudança, que também passou pelo crescimento do parque gráfico, gerou tecnologia de ponta, com melhor qualidade de impressão em todas as páginas.

A tiragem de 2009 da Folha de Pernambuco é de 29.864 de terça a sexta. Aos sábados, domingos e segundas sobe para 36.912 exemplares, e seu público alvo são as camadas A, B e C.

Compõem o Grupo EQM a pernambucana Usina Cucaú, Destilaria Tocantins (em Tocantins), Destilaria Araguaia (Mato Grosso), e projeto Greenfield (município de Tuntum, Maranhão). A empresa de geração de energia EMK também faz parte do Grupo. A Folha de Pernambuco, Rádio Folha FM 96.7, Agência Nordeste e Folha Digital integram o segmento de comunicação liderado por Eduardo Monteiro.

3) Jornal do Commercio

O Jornal do Commercio é um dos mais antigos do país. Foi fundado em 3 de abril de 1919 e nasceu de um ideal, em plena campanha de Epitácio Pessoa à presidência da República.

Durante a Revolução de 30, o Jornal do Commercio (JC) enfrentou sua primeira grande crise, quando partidários de João Pessoa depredaram e incendiaram a empresa. A investida tirou o jornal de circulação durante três anos. Nos anos 40 e 50, o JC tornou-se um dos mais importantes do Nordeste. Já na década de 70, a empresa entrou em nova crise, que chegou ao ápice em 1987, quando uma greve tirou o jornal das bancas durante 41 dias.

Em 1987, o jornal passou por profundas reformulações, que alcançaram todo o sistema. Os investimentos priorizaram a reestruturação e consolidação da redação, informatização e impressão. O processo de impressão migrou do nylonprint para o sistema digital, passando pelo off-set. Hoje, a impressora Uniset 60, da MAM Holand, de última geração, consegue rodar até 100 mil exemplares coloridos/hora.

O JC conquistou, ao longo de sua história, muitos dos principais prêmios nacionais destinados ao setor de comunicação, como o Esso Regional Nordeste, Fiat Allis, Vladimir Herzog, Imprensa Embratel, Unisys e José Reis de Divulgação Científica, entre outros.

O Jornal do Commercio em 2009 tem tiragem, de segunda a sábado, de 50 mil exemplares, e aos domingos de 71 mil a 75 mil exemplares. Atinge o público das camadas A, B e C.

Fazem parte do Sistema Jornal do Commercio a TV Jornal, Rádios Jornal e JC/CBN e JC OnLine, Tvi (Caruaru) e Rádio de Petrolina (PE). O sistema integra o Grupo JCPM, do empresário João Carlos Paes Mendonça.

4.5 Busca da Violência e Pessoa Idosa

Os arquivos de jornais constantes do departamento dizem respeito a todo o assunto referente à polícia civil de Pernambuco, como prisões, operações policiais, morte, atropelamento e violência em geral. De segunda a sexta-feira, os jornais são lidos por agente de polícia treinado para a função e a jornalista. Os dois fazem a seleção das matérias da semana - de domingo a sábado -, recortando e arquivando os assuntos por dia, seção e veículo de comunicação.

A pesquisadora, tendo acesso aos arquivos, selecionou inicialmente todas as matérias veiculadas nos períodos de janeiro a dezembro dos anos de 2005 e 2006, que tivessem pessoas idosas. Ou seja, o critério aplicado foi a idade a partir de 60 anos, considerada pelo Estatuto do Idoso como limite para início de sua proteção. Após leitura criteriosa de 2190 jornais, foram selecionados todos os assuntos referentes à violência e a pessoa idosa que se encontravam nos jornais pernambucanos pertencentes ao arquivo do Departamento de Comunicação da polícia para clipagem (recorte, seleção).

Admite-se, tradicionalmente, no processo de clipagem, erro de até 10% na coleta das matérias. Como as conclusões não se apoiam em números absolutos, mesmo que essa margem tenha sido atingida, os resultados não serão afetados, pois a abordagem desta pesquisa é qualitativa.

Após a clipagem, escaneamos as matérias e fizemos arquivo digital. Para organizar o material selecionado foi necessário desenvolver um questionário, o qual teve como base o instrumento de pesquisa utilizado pelo grupo LEC, no projeto sobre o tema “Longevidade e Envelhecimento: a cobertura da imprensa escrita nos jornais paulistas”, realizado em 2004 e 2005.

O instrumento utilizado nesta pesquisa é questionário semiestruturado (apêndice 1), com 14 perguntas fechadas e cinco perguntas abertas, e as seguintes entradas:

- Dia da semana, mês e ano da matéria e jornal.
- Editoria: como um departamento da redação que trata de assuntos específicos. As editorias encontradas nos jornais que trataram do assunto

idoso e violência foram Polícia, Cidades, Grande Recife, Vida Urbana, Política, Opinião, Capa Dois e Brasil.

- Título da matéria: o título é a chave do texto jornalístico, e resume o que está no texto. Tem a função de seduzir o leitor. O verbo deve ser no presente do indicativo, do contrário o jornal fica parecendo passado.
- Subtítulo: conhecido como linha fina, o subtítulo facilita a vida do leitor, completa o que está no título e acrescenta mais um dado. Título e subtítulo atraem o leitor para o texto. O verbo pode ser usado no passado.
- Olho: chama a atenção do leitor para os pontos mais relevantes da matéria. É frase ou trecho do texto, colocados em posição de destaque na página, em corpo maior, eventualmente em cor diferente.
- Intertítulo: título colocado dentro da matéria. Ajuda a prender a atenção do leitor, e fica onde pede o desenho da página.
- Adjetivação: estabelecer, caracterizar qualidade a algo - pessoa, animal, lugar ou dado momento.
- Fonte direta, indireta e/ou adicional: direta (pessoa envolvida em um fato diretamente), indireta (pessoa que, por dever profissional, sabe de um fato, como o delegado que comenta um assassinato, polícia etc.) e adicional (aquele que fornece informações suplementares ou amplia a dimensão).
- Personagem: pessoa comum (não exerce autoridade) ou pública (representa autoridade).
- Espaço público e privado: o primeiro é considerado como aquele que, dentro do território urbano tradicional seja de uso comum e posse coletiva (pertence ao poder público). A rua é considerada espaço público por excelência. Espaço privado está ligado à ideia da propriedade privada. A ampla maioria das cidades tem no lote a sua unidade básica de parcelamento. A casa é um bom exemplo.
- Crimes em que o idoso é vítima
- Crimes em que o idoso é agressor

A fim de facilitar a leitura sobre como se deu a busca da violência e pessoa idosa na mídia impressa em Pernambuco, apresentamos, na Tabela 1, os jornais selecionados, por editorias e tiragem. Observa-se que apenas a Folha de Pernambuco tem editoria intitulada “Polícia”, para tratar da violência e velhice.

Tabela 1 – Distribuição dos jornais pernambucanos por editorias e tiragem. 2005 e 2006.

Editoria	Jornal		
	Diário de Pernambuco	Folha de Pernambuco	Jornal do Commercio
Policia	-	x	-
Vida urbana	x	x	-
Cidades	-	-	x
Segunda Capa	-	-	x
Geral	-	x	x
Últimas	x	-	-
Grande Recife	x	x	-
Opinião (cartas)	x	x	x
Segunda Edição	-	-	x
Editorial	x	-	-
Política	-	x	-
Brasil	x	-	-
Economia	-	x	-
Dia da Semana / Tiragem			
Segunda a sexta-feira	50.000	-	-
Sábado e domingo	65.000	-	-
Terça a sexta-feira	-	29.864	-
Sábado, domingo e segunda-feira	-	36.912	-
Segunda a sábado	-	-	50.000
Domingo	-	-	71.000 a 75.000

Escolhemos o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) para a digitação das informações coletadas a partir das questões fechadas do questionário semiestruturado, e tratamento estatístico dos dados.

O SPSS é programa de computador utilizado para executar análises estatísticas, manipular dados e gerar tabelas e gráficos. Esse programa tem sido utilizado pelos centros de pesquisas com o objetivo de auxiliar as análises

estatísticas dos dados (WAGNER, MOTT, DORNELLES, 2004). Optou-se por tal procedimento porque a informática tem sido utilizada em grande escala para tratamento de dados estatísticos de diversas pesquisas (BISQUERA, SARRIERA, MARTINEZ, 2004).

A apresentação das informações coletadas será feita, no capítulo a seguir, inicialmente a partir da análise descritiva da frequência dos dados e, posteriormente, para obter-se visão específica e apurada do assunto investigado, por meio do cruzamento das variáveis principais, ano de publicação, jornal, idoso como vítima e idoso como acusado. Os resultados desse universo de matérias analisadas serão apresentados em termos quantitativos e em relação ao tema violência, e em forma de gráficos e tabelas. Dados que oferecem essencialmente a percepção de como foi o comportamento dos jornais pernambucanos sobre a velhice e a violência entre 2005 e 2006, a partir da análise comparativa e longitudinal, usando-se a tipologia da violência de Minayo - a qual segue a classificação da Organização Mundial de Saúde (OMS) para a análise da violência -, para a pessoa idosa como vítima e, do Código Penal para o idoso como acusado da violência.

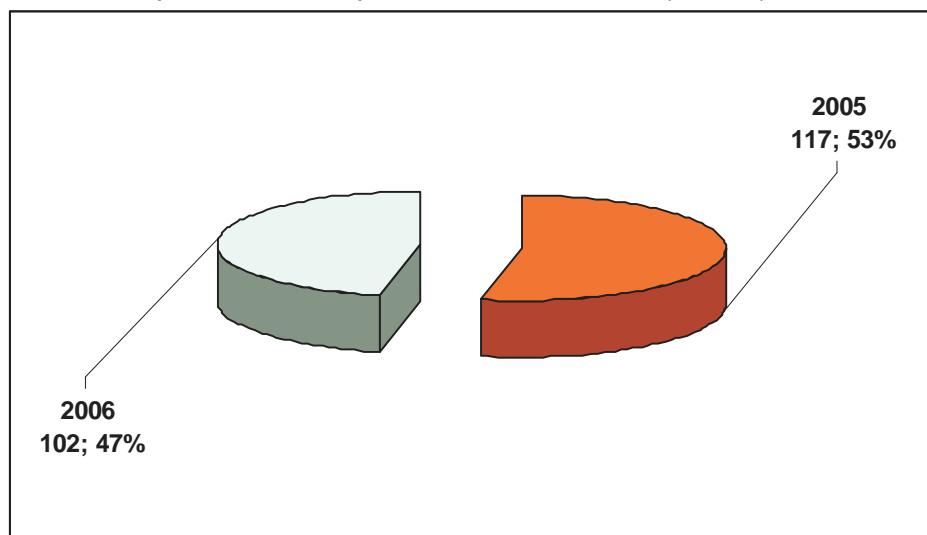
Capítulo V

O que os números falam da violência?

A primeira etapa da apresentação das informações coletadas foi realizada a partir da análise descritiva da frequência dos dados encontrados, permitindo a visão geral do que os números falam sobre a violência e a velhice nos jornais pernambucanos.

O Gráfico 1 mostra que foram encontradas 117 notícias sobre a pessoa idosa e a violência no ano de 2005; 102 no ano de 2006; sendo 219 recortes selecionados sobre o tema, publicadas nos jornais pernambucanos no período de janeiro de 2005 a dezembro de 2006.

Gráfico 1 – Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre violência e pessoa idosa, por ano. 2005 e 2006 (n=219).



Na Tabela 2 evidencia-se a quantidade de notícias por ano nos jornais, a saber: em 2005 o jornal que veiculou a maioria das notícias sobre a pessoa idosa e a violência foi a Folha de Pernambuco (71); já em 2006 foi o Jornal do Commercio (41).³ Sendo o total de 45 do Diário de Pernambuco, 106 da Folha de Pernambuco e 67 do Jornal do Commercio. Vale lembrar que a Folha de Pernambuco tem a editoria “Polícia” (Tabela 5).

Tabela 2 – Distribuição da frequência da publicação de jornais com notícias sobre violência e pessoa idosa, por ano. 2005 e 2006 (n=218).

Ano da publicação da notícia	Jornal			Total
	Diário de Pernambuco	Folha de Pernambuco	Jornal do Commercio	
2005	19	71	26	116
2006	26	35	41	102
Total	45	106	67	218*

* Do total de 219 recortes, houve perda na categoria jornal veiculado em 2005 (missing).

Na Tabela 3 observa-se que em 2005, nos meses de férias escolares, julho e dezembro, foi recortada a maior parte das notícias sobre o tema (17); já em 2006 foi apenas no mês de maio (21). Pode-se sugerir que referente ao mês de maio a possível maior ocorrência de violência esteja relacionada à liberação dos presos no Dia das Mães, sendo esse o mês mais ‘violento’ (31) no período estudado. Os meses que menos veicularam essas notícias foram junho (3), festas juninas, em 2005, e outubro (1), mês da criança, em 2006; e a partir do ano passado passou também a ser comemorado o Dia do Idoso (primeiro de outubro).

Na Tabela 4 observam-se os dias da semana com maior número de publicações sobre a pessoa idosa e a violência. Segunda-feira, (45) notícias, nos meses de março (8) e maio (9), e quinta-feira (45), no mês de maio; seguidos por quarta-feira (37); terça-feira (33), com nove recortes no mês de maio. No total dos dias, sexta-feira (15) e domingo (17) são os dias em que menos notícias foram encontradas sobre violência e velhice.

³ Para se ter mais clareza sobre as perdas (missing) durante a coleta dos dados, estas podem ser observadas nas tabelas com a Freqüência Absoluta das Categorias, no apêndice 2.

Tabela 3 – Distribuição da frequência do mês da publicação de notícias sobre violência e pessoa idosa, por ano. 2005 e 2006 (n=219).

Mês da publicação da notícia	Ano da publicação da notícia			Total
	2005	2006		
Janeiro	13	13		26
Fevereiro	7	4		11
Março	6	12		18
Abril	11	6		17
Maio	10	21		31
Junho	3	6		9
Julho	17	10		27
Agosto	11	6		17
Setembro	5	3		8
Outubro	9	1		10
Novembro	8	7		15
Dezembro	17	13		30
Total	117	102		219

Tabela 4 – Distribuição da frequência do mês da publicação de notícias sobre violência e pessoa idosa, por dia da semana. 2005 e 2006 (n=219).

Mês da publicação da notícia	Dia da semana da publicação da notícia							Total
	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	
Janeiro	1	4	3	6	6	4	2	26
Fevereiro	2	-	3	2	3	1	-	11
Março	1	8	1	2	2	2	2	18
Abril	6	2	3	1	2	1	2	17
Maio	1	4	9	3	8	1	5	31
Junho	1	2	2	-	2	1	1	9
Julho	1	9	2	7	6	-	2	27
Agosto	-	2	3	2	6	-	4	17
Setembro	-	3	1	3	-	1	-	8
Outubro	-	1	2	-	3	2	2	10
Novembro	2	3	1	5	1	1	2	15
Dezembro	2	7	3	6	6	1	5	30
Total	17	45	33	37	45	15	27	219

Na Tabela 5 destacam-se as editorias Polícia (60), em 2005, com 43 notícias publicadas, e Grande Recife (30) com 18, em 2005, da Folha de Pernambuco; Cidades (53) com 33, em 2006, do Jornal do Commercio; e Vida Urbana (35) com 20, em 2006, do Diário de Pernambuco. Os três jornais estudados mostram diferentes políticas para o tratamento da violência, embora haja concentração na editoria “Polícia”, dando a entender que violência é, apenas, caso de polícia.

Tabela 5 – Distribuição da frequência das notícias sobre violência e pessoa idosa, por editoria, jornal e ano. 2005 e 2006 (n=218).

Ano da publicação da notícia		Jornal						Total	
		Diário de Pernambuco		Folha de Pernambuco		Jornal do Commercio			
		2005	2006	2005	2006	2005	2006		
Editoria	Polícia	-		43	17	-	-	60	
	Vida Urbana	11	20		4		-	35	
	Cidades	-		-	20	33		53	
	Segunda Capa	-		-	5	4		9	
	Geral	-	9	1	1	1		12	
	Últimas	5	1	-		-		6	
	Grande Recife	1		18	11		-	30*	
	Opinião (cartas)	2	3		1		1	7	
	Segunda Edição	-		-		2		2	
	Editorial	1		-		-		1	
	Política	-		1		-		1	
	Brasil	1		-		-		1	
	Economia	-		1	-	-		1	
	Total	19	26	71	35	26	41	218	

* A Editoria Grande Recife foi identificada em 31 recortes, porém houve perda por ausência de resposta na categoria jornal veiculado em 2005 (missing).

A Tabela 6 mostra a presença de título em aproximadamente 216 dos recortes estudados; 77 subtítulos; 36 ‘olhos’ e; 24 intertítulos. Nos recortes estudados não foi encontrada nenhuma adjetivação. Evidencia-se que violência e velhice estão contidas no próprio título durante o período estudado, como exemplificado nos seguintes títulos: *Idosa de 87 anos espancada pela sobrinha, Briga familiar acaba em morte e prisão, Cabeleireiro é acusado de matar o pai e ferir a mãe*, todos relacionados à violência física. No “olho” destaca-se a frase:

José Luis Truan acabou sendo amarrado por um dos assaltantes, que tentou estrangular o empresário por duas vezes.

Tabela 6 – Distribuição da frequência das notícias sobre violência e pessoa idosa, por presença de título, subtítulo, olho, intertítulo no texto; por jornal e ano. 2005 e 2006 (n=218).

Ano da publicação da notícia	Jornal						
	Diário de Pernambuco		Folha de Pernambuco		Jornal do Commercio		Total
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	
Título no Texto	18	26	71	35	25	41	216 *
Subtítulo no Texto	5	4	29	19	7	13	77
Olho	2	3	18	3	4	6	36 *
Intertítulo no Texto	7	9	1	4	3	-	24

* A presença do título foi identificada em 217 recortes; do ‘olho’ em 37; havendo perda em cada categoria, por ausência de resposta na categoria jornal veiculado em 2005 (missing).

A fonte de informação indireta (90) foi a mais utilizada para veicular notícias sobre violência e pessoa idosa, destacando-se a pessoa comum (189) como personagem. O espaço privado (112) foi o local onde mais ocorreu esse tipo de violência (Tabela 7). Embora seja a pessoa comum a mais envolvida na violência no espaço privado, a fonte de informação não é a própria vítima, mas os boletins de ocorrência das delegacias, sugerindo que as fontes oficiais (delegacias e seus representantes legais) são as que têm “autoridade” para fornecer informações à mídia, alimentando-a.

Tabela 7 – Distribuição da frequência das notícias sobre violência e pessoa idosa, por fonte, personagem e espaço onde a notícia ocorreu; por jornal e ano. 2005 e 2006 (n=218).

Ano da publicação da notícia	Fonte	Jornal						Total	
		Diário de Pernambuco		Folha de Pernambuco		Jornal do Commercio			
		2005	2006	2005	2006	2005	2006		
Fonte	Direta	2	2	7	-	2	3	16	
	Indireta	10	5	34	9	18	14	90*	
	Adicionais	3	3	9	8	2	9	34	
	direta e indireta	3	9	16	8	3	7	46	
	direta e adicionais	-	1	-	2	-	2	5	
	indireta e adicionais	1	6	3	8	1	6	25	
	direta, indireta e adicionais	-	-	2	-	-	-	2	
Personagem	Pessoa Comum	16	20	65	29	23	36	189*	
	Pessoa Pública	3	6	5	6	4	5	29	
Espaço onde ocorreu a notícia	Espaço Público	11	9	46	14	13	13	106	
	Espaço Privado	8	17	24	21	14	28	112*	

* A presença de fonte indireta foi identificada em 91 recortes; da pessoa comum em 190; e do espaço privado em 113. Porém, houve perda em cada categoria, por ausência de resposta na categoria jornal veiculado em 2005 (missing).

5.1 Pessoa idosa como vítima da violência

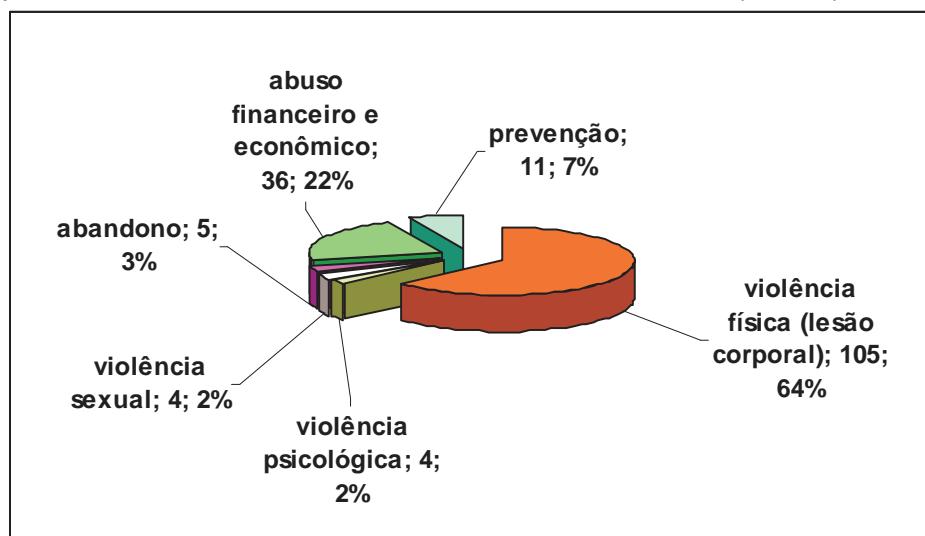
Do total de recortes (219) selecionados no período estudado, 165 se referem à pessoa idosa como vítima da violência, classificados segundo a Organização Mundial da Saúde e preconizada no país por Minayo (2004): violência física, violência psicológica, violência sexual, abuso financeiro e econômico, abandono. Quanto a este último, ele se dá pela família e pelo Estado, como se observa nas notícias com os seguintes títulos: *Idosa fica 3 dias morta em casa*, *Admed abandona paciente terminal* e *Empresa manda recolher aparelhos e cortar remédio que mantém usuário*.

A essa classificação acrescentou-se outra categoria, Prevenção, encontrada no universo pesquisado. São notícias que abordam a violência e a velhice não no sentido de denúncia, mas de prevenção à violência. Entre os títulos

encontrados estão: *Idoso terá cartilha para se defender, SDS cria núcleo para atender idosos.*

O gráfico 2 mostra que foram encontradas 165 notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência nos anos de 2005 e 2006, distribuídas nas seguintes categorias: violência física (105), violência psicológica (4), violência sexual (4), abandono (5), abuso financeiro e econômico (36), prevenção (11), tendo quatro perdas por não classificação da notícia em nenhuma categoria específica. Entre os títulos destacamos *Viúva de 65 anos é morta* e *Fazendeiro morto em casa.*

Gráfico 2 – Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência. 2005 e 2006 (n=165).



Observa-se, na Tabela 8, que, dos recortes das notícias publicadas em relação ao tipo de violência sofrida pela pessoa idosa, a mais cometida é a física (47,9%), com cerca da metade do total dos recortes, exemplificada pelo título *Outros quatro casos de violência contra a mulher foram registrados*, seguida de abuso econômico e financeiro (16,4%), com um dos títulos *Filha planejou assalto contra os pais*. Não foram encontradas notícias na categoria negligência, embora seja a violência que mais ocorre cotidianamente dentro do lar. É assim reconhecida pelo senso comum, mas se torna evidente quando muda para outra

categoria, no caso, “violência física”, perceptível a olho nu, pois fica estampada no corpo da pessoa idosa. Em relação à violência psicológica - violência também velada - foram publicadas quatro notícias. Uma delas tinha como título *PMs acusados de invasão de escola, prisão ilegal e tortura e Invasão de domicílio*. O mesmo ocorreu com a violência sexual. Ilustramos esse tipo de violência com os seguintes títulos: *Preso por tentar estuprar idosa, Aposentada de 80 anos é estuprada por vizinho, e Vítima foi violentada no quartinho onde mora na Imbiribeira. Ela teve hemorragia e está internada. Acusado foi preso e, depois, solto porque parentes da vítima não tinham prestado queixa*. Violências ocorridas no espaço doméstico e por pessoas conhecidas das vítimas.

Tabela 8 – Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre a categorização da pessoa idosa como vítima da violência. 2005 e 2006 (n=219).

Violência tendo a pessoa idosa como vítima	N	%
Física	105	47,9
Psicológica	4	1,8
Sexual	4	1,8
Abandono	5	2,3
Negligência	-	-
Abuso financeiro e econômico	36	16,4
Prevenção	11	5,0
Subtotal	165	100
Não se aplica (pessoa idosa como acusada da violência)	50	22,8
Total	215	98,2
Perdas*	4	1,8
Total	219	100,0

*Apesar dos questionários estarem preenchidos, em quatro deles não foi marcada a categoria correspondente, havendo perda de quatro recortes.

A Tabela 9 mostra que das notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência as que tiveram maior incidência estavam relacionadas à violência física (61 em 2005 e 44 em 2006), nos meses de maio (8) e dezembro (12); seguidas pelo abuso financeiro e econômico (17 em 2005 e 19 em 2006), nos meses de maio (10) e julho (5); prevenção (4 em 2005 e 7 em 2006); abandono (2 em 2005 e 3 em 2006); violência psicológica (3 em 2005 e 1 em 2006) e violência sexual (3

em 2006). Esses dados sugerem uma tendência nacional, pois indicam a violência física como a mais visível. Por outro lado, verificou-se, na clipagem, que das 12 notícias publicadas sobre violência física em dezembro de 2005, dez foram sobre a morte de um psicanalista, porque a imprensa acompanhou todo o inquérito policial.

Tabela 9 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por mês e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=165).

Ano da publicação da notícia	Violência tendo a pessoa idosa como vítima												Total
	Física		Psicológica		Sexual		Abandono		Abuso*		Prevenção		
Mês	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	
Janeiro	10	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	16
Fevereiro	4	3	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	10
Março	3	7	-	-	-	1	1	1	2	2	-	-	17
Abril	6	2	-	1	-	-	-	-	3	1	1	2	16
Maio	4	8	1	-	-	-	-	1	1	10	-	-	25
Junho	1	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	6
Julho	9	7	1	-	-	-	-	1	5	2	-	-	25
Agosto	3	4	1	-	-	-	-	-	-	1	2	-	11
Setembro	3	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	7
Outubro	4	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Novembro	2	3	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	8
Dezembro	12	2	-	-	-	3	-	-	2	-	1	-	20
Total	61	44	3	1	-	4	2	3	17	19	4	7	165

* Financeiro e Econômico.

Na Tabela 10 verifica-se que a segunda-feira foi o dia no qual se registrou maior índice de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência (41). Nesse dia as ocorrências relacionadas à violência física foram 17 em 2005 e 11 em 2006. E na mesma segunda-feira todas as ocorrências de violência sexual (4) foram publicadas. Uma das hipóteses é que não há cobertura por parte dos jornais nas delegacias de polícia nos finais de semana, acumulando-se o número de notícias publicadas e não de ocorrências, na segunda-feira.

Tabela 10 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por dias da semana e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=165).

Ano da publicação da notícia	Violência tendo a pessoa idosa como vítima												Total
	Física		Psicológica		Sexual		Abandono		Abuso*		Prevenção		
Dia da Semana	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	Total
Domingo	4	5	-	-	-	-	-	-	1	1	1	3	15
Segunda-feira	17	11	2	-	-	4	-	1	2	4	-	-	41
Terça-feira	11	6	-	-	-	-	-	-	2	8	-	-	27
Quarta-feira	8	8	-	-	-	-	-	-	3	1	2	1	23
Quinta-feira	12	8	-	1	-	-	1	1	4	2	1	2	32
Sexta-feira	2	2	-	-	-	-	1	-	4	1	-	1	11
Sábado	7	4	1	-	-	-	-	1	1	2	-	-	16
Total	61	44	3	1	-	4	2	3	17	19	4	22	165

* Financeiro e Econômico.

A Tabela 11 destaca a Folha de Pernambuco como a que deu maior visibilidade para a violência contra a pessoa idosa, com 75 recortes. Deve-se ressaltar que o Jornal do Commercio é o de maior tiragem no Estado (aproximadamente 75 mil exemplares); seguido do Diário de Pernambuco (aproximadamente 65 mil) e da Folha de Pernambuco (aproximadamente 36 mil), o que indica a Folha como o jornal centrado na violência, principalmente a física.

Tabela 11 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por jornal e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=164).

Ano da publicação da notícia	Violência tendo a pessoa idosa como vítima												Total
	Física		Psicológica		Sexual		Abandono		Abuso*		Prevenção		
Jornal	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	Total
Diário de Pernambuco	10	10	1	-	-	1	-	-	7	6	-	1	36
Folha de Pernambuco	37	13	2	-	-	2	2	2	6	5	1	5	75
Jornal do Commercio	13	21	-	1	-	1	-	1	4	8	3	1	53
Total	60	44	3	1	-	4	2	3	17	19	4	7	164**

* Financeiro e Econômico.

** Houve perda na identificação do jornal no qual a notícia foi publicada, durante a coleta dos dados.

Destaca-se em 2005, na categoria violência física, a notícia veiculada pelo Diário de Pernambuco (editoria Últimas), com o título *Viúva de 65 anos é morta*. Na categoria abandono, a matéria encontrada na Folha de Pernambuco (editoria do Grande Recife), com o título *Desaparecida*; Na categoria abuso financeiro e econômico, no Diário de Pernambuco (editoria Últimas) com o título *Filha planejou assalto contra os pais*, comprovando que os filhos são os maiores agressores nas violências domésticas, uma tendência em todo o país.

Em 2006 destaca-se, na categoria violência física, o homicídio veiculado na Folha de Pernambuco (editoria de Polícia), com o título *Idoso é morto com tiro de 12*. Na categoria abuso financeiro e econômico, foi selecionada a matéria veiculada pela Folha de Pernambuco (editoria de Política), *Vereador é assaltado em casa*. Na categoria prevenção, no jornal Diário de Pernambuco (editoria de Vida Urbana) selecionou-se o recorte com o título *Juizado para idoso é inaugurado hoje*. Na categoria violência sexual, observa-se pequena incidência de publicações, sendo importante destacar notícia publicada na Folha de Pernambuco, publicada na editoria do Grande Recife, com o título *Preso por tentar estuprar idosa*.

A Tabela 12 mostra que a violência física foi publicada na grande maioria das editorias, sendo “Polícia” a que mais veiculou em 2005 (25) e 2006 (9). A editoria é da Folha de Pernambuco, evidenciando que jornal se preocupa com o tema, e que a violência é tratada como caso de polícia.

Tabela 12 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por editoria e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=165).

Violência tendo a pessoa idosa como vítima														
Ano da publicação da notícia	Física		Psicológica		Sexual		Abandono		Abuso*		Prevenção		Total	
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006		
Editoria														
Polícia	25	9	-	-	-	-	-	-	2	4	2	-	2	44
Vida Urbana	7	8	-	-	-	-	2	-	-	4	5	-	3	28
Cidades	11	15	-	1	-	1	-	1	4	7	1	1	1	41
Segunda Capa	2	2	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	7
Geral	5	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	9
Últimas	2	-	-	-	-	-	-	-	3	1	-	-	-	6
Grande Recife	8	3	-	-	-	1	1	-	2	2	1	-	-	18
Opinião (cartas)	-	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Segunda Edição	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Editorial	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Política	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Brasil	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Economia	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Total	61	44	3	1	-	4	2	3	17	19	4	7	165	

* Financeiro e Econômico.

Na Tabela 13 observa-se que a fonte das notícias sobre violência física foi, em sua maioria, indireta - em 2005 (34) e 2006 (15). A violência sexual (3) e o abuso financeiro e econômico tiveram as fontes das notícias diversificadas entre direta, indireta e adicional, o que evidencia que a cobertura dessas notícias não ficou restrita às fontes oficiais. A presença da pessoa comum (143) foi a que mais se observou entre todas as categorias de violência contra a pessoa idosa. Constatou-se também que a violência contra a pessoa idosa ocorreu, na maioria dos casos, no espaço privado (86), destacando-se ainda a prevalência da violência sexual, ou seja, para cada três recortes que noticiavam que o fato tinha ocorrido no espaço privado, houve um recorte no público.

Tabela 13 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência, por fonte, personagem e espaço no qual a notícia ocorreu, por jornal e ano. 2005 e 2006 (n=218).

Violência tendo a pessoa idosa como vítima													
Ano da publicação da notícia	Física		Psicológica		Sexual		Abandono		Abuso*		Prevenção		Total
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	
Fonte													
direta	3	1	2	-	-	1	1	-	3	2	-	-	13
indireta	34	15	-	-	-	1	-	-	8	2	3	2	65
adicional	11	11	1	-	-	1	-	3	2	2	-	2	33
direta e indireta	11	1	-	-	-		1		2	8	1	3	27
indireta e adicional	2	12	-	1	-	-	-	-	2	5	-	-	20
direta e adicional	-	4	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	5
Personagem													
Pessoa Comum	60	39	3	1		4	2	3	10	15	1	5	143
Pessoa Pública	1	5	-	-	-	-	-	-	7	4	3	2	22
Espaço onde ocorreu a notícia													
Espaço Público	40	9	2	-	-	1	1	1	11	8	2	6	81
Espaço Privado	21	35	1	1	-	3	1	2	6	11	2	1	86

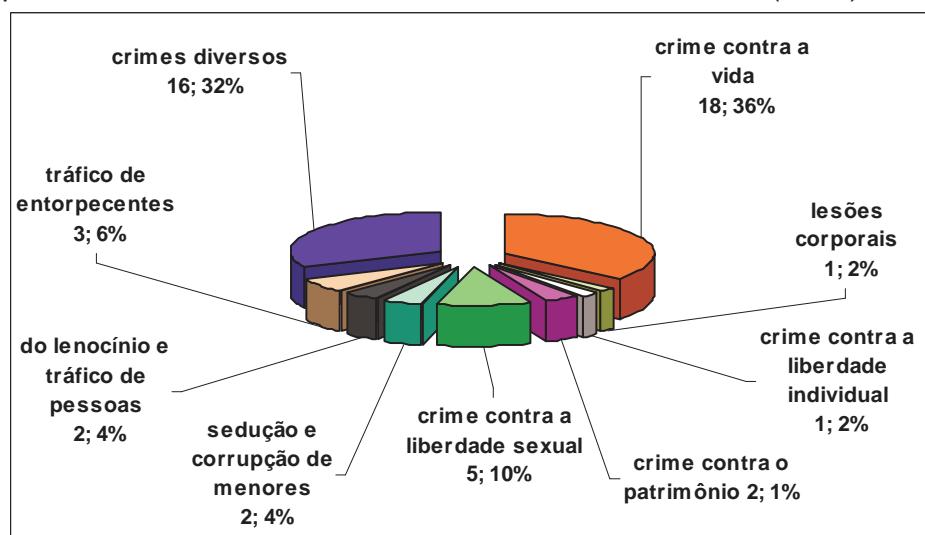
* Financeiro e Econômico.

5.2 Pessoa idosa acusada da violência

No decorrer da pesquisa nos deparamos com 50 notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, nos anos de 2005 e 2006, o que é observado no Gráfico 3. Esses tipos de violência foram distribuídos entre as seguintes categorias: crime contra a vida (18): *Idoso esfaqueia a esposa por suspeitar que ela o estava traindo*; lesões corporais (1): *Aposentado bate na mulher até deixá-la inconsciente*; crime contra a liberdade individual (1): *Menor foi levada pelo tio-avô, que queria se vingar da ex-mulher*; crime contra o patrimônio (2): *Inocente: professor da UFPE foi vítima de adolescente de 16 anos*; crime contra a liberdade sexual (5): *Menina contou a história a assistentes sociais da unidade médica*;

sedução e corrupção de menores (2): *Professor preso por abuso sexual*; do lenocínio e tráfico de pessoas (2): *Mãe e filha presas por explorar menores*; tráfico de entorpecentes (3): *Idosa flagrada com maconha*; e crimes diversos (16): *Procurador bate em carro e tenta fugir, Arcebispo nega ter feito acusações, Ele é acusado de subtrair um inquérito que corre em segredo na 3^a vara de Olinda*.

Gráfico 3 – Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência. 2005 e 2006 (n=50).



Os recortes das notícias publicadas tendo a pessoa idosa como acusada de violência foram classificados segundo o Código Penal (Tabela 14). A violência que mais teve notícias publicadas foi crime contra a vida, com 18 recortes de um total de 50, nos quais está contida a agressão física, seguida de crimes diversos (16). Lesão corporal e crime contra a liberdade individual apareceram apenas em um recorte no período estudado.

Tabela 14 - Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência. 2005 e 2006 (n=219).

Violência tendo a pessoa idosa como acusada		N	%
Crime contra a vida		18	8,2
Lesão corporal		1	,5
Crime contra a liberdade individual		1	,5
Crime contra o patrimônio		2	,9
Crime contra a liberdade sexual		5	2,3
Sedução e corrupção de menores		2	,9
Do lenocínio e tráfico de pessoas		2	,9
Tráfico de entorpecentes		3	1,4
Crimes diversos		16	7,3
Subtotal		50	100
Não se aplica (pessoa idosa como vítima da violência)		169	77,2
Total		219	100,0

Na publicação de notícias tendo a pessoa idosa acusada da violência destacam-se alguns títulos no período estudado e segundo cada categoria. Em 2005, a ênfase ficou nas seguintes matérias: em crime contra a vida e veiculada pela Folha de Pernambuco (editoria Polícia) encontrou-se a notícia com o título *Aposentado reage e mata bandido*; em crime contra a liberdade individual o recorte veiculado no Jornal do Commercio (editoria Geral), com o título *Aposentado sequestra menina na porta da escola de Jupi*; em crime contra o Patrimônio, enfatiza-se o jornal Folha de Pernambuco (editoria Polícia) com a frase de subtítulo: *Foram furtados 235 talões da agência do Bandepe de Escada*.

Outros títulos mostram como a pessoa idosa também está envolvida na violência, não como vítima, mas como agente do crime. O destaque vai para a notícia de crime contra a liberdade sexual, publicada na Folha de Pernambuco (editoria Polícia), com o título *Ancião é preso por atentado ao pudor*; sedução e corrupção de menores, no Jornal do Commercio (editoria Cidades), com o título *Mãe e filha são presas por explorar menores*; do lenocínio e tráfico de pessoas o caso aqui é ressaltado é sobre favorecimento de prostituição, veiculado no jornal Folha de Pernambuco (editoria Grande Recife), com o título *Polícia fecha prostíbulo em Afogados da Ingazeira*; tráfico de entorpecentes, veiculada na Folha

de Pernambuco (editoria Grande Recife), com o subtítulo *Mulher de 88 anos vendia droga no Cais de Santa Rita*.

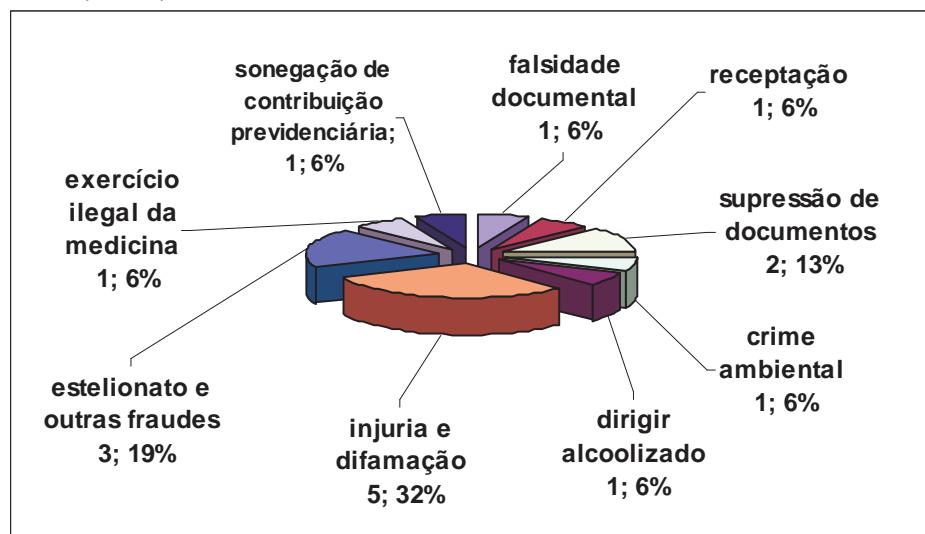
Já em 2006 foram selecionadas as seguintes matérias: em crime contra vida, publicada na Folha de Pernambuco (editoria Polícia), com o título *Mãe de 76 anos paga R\$ 800 a pistoleiro para matar filho*; em lesão corporal destaca-se o caso veiculado no Jornal do Commercio (editoria Cidades), com o título *Comandante Geral minimiza truculência na folia*; da sedução e corrupção de menores ressalta-se o recorte extraído do Diário de Pernambuco (editoria de Vida Urbana) com o título *Aposentado suspeito de exploração é preso*.

Em relação a crimes diversos, o Gráfico 4 mostra as subcategorias encontradas nas notícias sobre esta classificação, sempre tendo a pessoa idosa como acusada da violência. São eles: falsidade documental (1), receptação (1), supressão de documentos (2), crime ambiental (1), dirigir alcoolizado (1), injúria e difamação (5), estelionato e outras fraudes (3), exercício ilegal da medicina (1) e sonegação de contribuição previdenciária (1). Todos classificados segundo o Código Penal.

Para a categoria crimes diversos, em 2005, também foi possível ilustrar melhor a subcategoria falsidade documental no texto encontrado no Diário de Pernambuco (editoria Cidades), com o título *Idoso preso acusado de falsificar documentos*; e, em outra notícia, sobre a moeda falsa, veiculada no Jornal do Commercio (editoria Cidades), com o título *Idosos usam dinheiro de imitação para dar golpes*.

Em 2006, destacam-se dois crimes: o de exercício ilegal da medicina, publicado na Folha de Pernambuco (editoria Grande Recife), com o título *Mais um falso médico é preso*; e o crime de sonegação de contribuição previdenciária veiculado no Jornal do Commercio (editoria Cidades), com o título *Idoso é preso por suspeita de fraude contra a previdência social*.

Gráfico 4 - Distribuição da frequência da publicação de notícias sobre crimes diversos tendo a pessoa idosa como acusada da violência. 2005 e 2006 (n=16).



A Tabela 15 mostra que das 50 notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, durante os dois anos, no mês de janeiro (9) mais se publicou. De crime contra a vida foram encontradas cinco notícias, em janeiro de 2006, e de crimes diversos (5) em dezembro do mesmo ano. Durante o ano de 2005 a publicação desse crime foi constante (3) entre maio, agosto (para crime contra a vida) e outubro (crimes diversos).

Observa-se, na Tabela 16, que o crime contra a vida teve maior veiculação tanto em 2005, no sábado (4), quanto em 2006, na quinta-feira (5). Quinta-feira (12) foi o dia da semana que mais concentrou publicações tendo a pessoa idosa como acusada da violência, seguida de sábado (11) e quarta-feira (11). O dia da semana com mais recortes selecionados foi domingo (2).

Do total de 50 notícias, a Tabela 17 evidencia que a Folha de Pernambuco foi o jornal que mais publicou notícias tendo a pessoa idosa como acusada da violência, durante os dois anos. E o mesmo jornal veiculou a maioria das notícias sobre crime contra a vida (6) e liberdade sexual (4). Ou seja, os crimes mais sensacionalistas, seguido do Jornal do Commercio (14), o que pode ser explicado por ser o jornal de maior tiragem (aproximadamente 75 mil) e isso exige maior cobertura.

As editorias tiveram a seguinte distribuição: Policia 14, sendo quatro de crime contra a vida, em 2005; Grande Recife 12, mostrando três crimes diversos, em 2006; Cidades 10, evidenciando três publicações para crime contra a vida e crimes diversos, em 2006; vida urbana (5) também com três publicações de crimes contra a vida, e dois de crimes diversos (Tabela 18).

Os crimes diversos tiveram, segundo a Tabela 19, oito fontes diretas e indiretas, em 2006; e o crime contra a vida sete indiretas, em 2005, sendo esse tipo de fonte o de maior prevalência (24) durante os dois anos, distribuído entre os seguintes crimes: contra a vida (10), contra o patrimônio (2), contra a liberdade sexual (1), sedução e corrupção de menores (1), do lenocínio e tráfico de pessoas (2), tráfico de entorpecentes (2) e diversos (6). Por outro lado, o crime contra a liberdade sexual (5), em 2005, está distribuído entre as fontes indireta (1), direta e indireta (2), indireta e adicional (1), e direta, indireta e adicional (1). O que novamente evidencia que as fontes indiretas são as que mais fornecem informações para os jornais pernambucanos.

Conforme a Tabela 20, a pessoa comum (43) foi o personagem mais identificado ao longo de dois anos de notícias selecionadas tendo a pessoa idosa acusada da violência. Foram encontrados 18 crimes contra a vida, divididos entre 2005 (9) e 2006 (9). Todos os crimes contra a liberdade sexual (em 2005) também tiveram como personagem a pessoa comum (5). Além disso, a tabela mostra que no espaço privado (28) ocorre a maior parte desse tipo de violência, seguido do público (22), destacando a prevalência de ocorrência nesse espaço do crime contra a vida (6 e 8, entre 2005 e 2006, respectivamente) e o da liberdade sexual (4, em 2005).

Tabela 15 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por mês e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).

		Violência tendo a pessoa idosa como acusada da violência																		
Ano da publicação da notícia	Mês	Crime contra a vida		Lesão corporal		a liberdade individual		Crime contra o patrimônio		Crime contra a liberdade sexual		Sedução e corrupção de menores		Do lenocínio e tráfico de pessoas		Tráfico de entorpecentes		Crimes diversos		Total
		2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	
	Janeiro	1	5	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	9
	Fevereiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	Março	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	Abril	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	Maio	3	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6
	Junho	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	3
	Julho	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2
	Agosto	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	6
	Setembro	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2
	Outubro	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	3	-	5	
	Novembro	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	2	3	7	
	Dezembro	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	7	
	Total	9	9	-	1	1	-	2	-	5	-	1	1	2	-	2	1	6	10	50

Tabela 16 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por dia da semana e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).

Ano da publicação da notícia	Violência tendo a pessoa idosa como acusada da violência															Total			
	Crime contra a vida		Lesão corporal		Crime contra a liberdade individual		Crime contra o patrimônio		Crime contra a liberdade sexual		Sedução e corrupção de menores		Do lenocínio e tráfico de pessoas		Tráfico de entorpecentes				
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006			
Dia da Semana																			
Domingo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2		
Segunda-feira	1	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	4	
Terça-feira	-	1	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	1	6
Quarta-feira	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	1	1	3	11
Quinta-feira	2	5	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	2	12	
Sexta-feira	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1	4	
Sábado	4	-	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	11	
Total	9	9	-	1	1	-	2	-	5	-	1	1	2	-	2	1	6	10	50

Tabela 17 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por jornal e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).

Ano da publicação da notícia	Violência tendo a pessoa idosa como acusada da violência															Total			
	Crime contra a vida		Lesão corporal		Crime contra a liberdade individual		Crime contra o patrimônio		Crime contra a liberdade sexual		Sedução e corrupção de menores		Do lenocínio e tráfico de pessoas		Tráfico de entorpecentes				
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006			
Jornal																			
Diário de Pernambuco	1	4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	3	9		
Folha de Pernambuco	6	2	-	1	-	-	2	4	-	1	-	1	-	2	1	4	3	27	
Jornal do Commercio	2	3	-	-	1	-	-	1	-	-	1	-	-	2	1	2	4	14	
Total	9	9	-	1	1	-	2	-	5	-	1	1	2	-	2	1	6	10	50

Tabela 18 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por editoria e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).

Ano da publicação da notícia	Violência tendo a pessoa idosa como acusada da violência																Total		
	Crime contra a vida		Lesão corporal		Crime contra a liberdade individual		Crime contra o patrimônio		Crime contra a liberdade sexual		Sedução e corrupção de menores		Do lenocínio e tráfico de pessoas		Tráfico de entorpecentes				
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006			
Editoria																			
Polícia	4	1	-	-	-	-	1	-	3	-	1	-	-	-	1	-	14		
Vida urbana	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2		
Cidades	1	3	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	1	10		
Segunda Capa	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2		
Geral	1	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	3		
Últimas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Grande Recife	1	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1	1	12		
Opinião (cartas)	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3		
Segunda Edição	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Editorial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Política	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Brasil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Economia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Total	9	9	-	1	1	-	2	-	5	-	1	1	2	-	2	1	6	10	50

Tabela 19 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por fonte e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).

Violência tendo a pessoa idosa como acusada da violência																			
Ano da publicação da notícia	Crime contra a vida		Lesão corporal		Crime contra a liberdade individual		Crime contra o patrimônio		Crime contra a liberdade sexual		Sedução e corrupção de menores		Do lenocínio e tráfico de pessoas		Tráfico de entorpecentes		Crimes diversos		Total
	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	
Fonte																			
direta	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
indireta	7	3	-	-	-	-	2	-	1	-	1	-	2	-	1	1	4	2	24
adicional	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
direta e indireta	1	3	-	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	-	2	8	18
indireta e adicional	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
direta e adicional	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
direta, indireta e adicional	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Total	9	9	-	1	1	-	2	-	5	-	1	1	2	-	2	1	6	10	50

Tabela 20 – Distribuição da frequência de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência, por personagem e espaço onde ocorreu a notícia e ano da publicação. 2005 e 2006 (n=50).

		Violência tendo a pessoa idosa como acusada da violência																		
Ano da publicação da notícia		Crime contra a vida		Lesão corporal		Crime contra a liberdade individual		Crime contra o patrimônio		Crime contra a liberdade sexual		Sedução e corrupção de menores		Do lenocínio e tráfico de pessoas		Tráfico de entorpecen- tes		Crimes diversos		Total
		2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	2005	2006	
		Personagem																		
Pessoa Comum		9	9	-	1	1	-	2	-	5	-	-	1	2	-	2	1	6	4	43
Pessoa Pública		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	6	7
Total		9	9	-	1	1	-	2	-	5	-	1	1	2	-	2	1	6	10	50
Espaço onde ocorreu a notícia																				
Espaço Público		3	1	-	-	1	-	2	-	1	-	1	-	-	-	2	-	2	8	22
Espaço Privado		6	8	-	1	-	-	-	-	4	-	-	1	-	-	-	1	4	2	28
Total		9	9	-	1	1	-	2	-	5	-	1	1	-	-	2	1	6	10	50

Considerações Finais

Pesquisar as páginas dos jornais de Pernambuco foi constatar a presença cotidiana da violência como fato e produto de consumo. A pesquisa da história de violência no Estado e da forma como se entranhou em nossa cultura permaneceu comigo durante todo o percurso.

Os idosos envolvidos com a violência, vítimas ou acusados, são cada vez mais visíveis na mídia brasileira. Deixam o espaço privado e ocupam o espaço público. O monitoramento nos jornais de Pernambuco mostra as tendências dessa cobertura, baseada na violência, e os discursos produzidos sobre ela.

A concentração da cobertura dos jornais em relação ao idoso como vítima se deu nas agressões físicas e, entre elas, destacam-se crimes contra a vida, embora os crimes relacionados a abuso financeiro e econômico também tenham sido ressaltados. A ocorrência de violência psicológica teve o mesmo índice das violências sexuais. Não resta dúvida de que a violência cometida contra as pessoas idosas “vive” nas ruas e nas instituições que deveriam zelar pela integridade dessas pessoas: a própria casa e os estabelecimentos públicos. O país, nesse aspecto, está doente, violento, sem amor e respeito.

A categoria ‘violência psicológica’ não foi relevante nas matérias selecionadas. Cabe pensar no universo de violência no qual muitas ficam implícitas, como não dignas de notificação. Violências veladas nos lares - palavrões, humilhações, desrespeitos e empurrões - figuram no cotidiano dos idosos como comportamentos normais. A falta de denúncias dessas agressões, por parte dos familiares e dos próprios idosos, ajuda a alimentar a banalização da violência, o que contribui para abalar a saúde física e mental do idoso, podendo levá-lo à morte.

O padrão de exposição da violência dificulta que os crimes que mais atingem os idosos em seu cotidiano, ou seja, a violência doméstica (que inclui violência psicológica sempre e, em alguns casos, violência física), a apreensão dos cartões dos benefícios e apreensão dos próprios benefícios, fique pouco visível e, portanto, não se mobilizem recursos públicos para enfrentá-los. Por que

esse tipo de notícia não tem maior cobertura na mídia impressa pernambucana? Por que os idosos são vítimas de exploração financeira, praticada pelos próprios familiares ou terceiros, designados para administrar os bens das vítimas? Como trazer para a esfera pública a desagregação familiar e desentendimentos registrados no passado? Como o “público” pode penetrar o “privado”?

Os números atestam demograficamente que o “silêncio da velhice” foi superado, o que é reconhecido pelo próprio jornalismo impresso, que também reconhece a violência que envolve a velhice, especialmente a fragilizada, como noticiado pelo Diário de Pernambuco no dia 3 de outubro de 2009: “Dos 184 municípios do Estado, apenas 32 (17% do total) possuem “conselho do idoso”. Neles, vivem 283 mil pessoas com mais de 65 anos (em Pernambuco, são 486 mil, informa o Censo de 2000 do IBGE). O conselho é instrumento eficiente para fazer chegar às autoridades as denúncias dos crimes cometidos e cobrar a punição dos responsáveis. Outro mecanismo de defesa é o Fundo Municipal do Idoso, que financia programas e o sustento de casas de convivência. Basta vontade política dos prefeitos para fazê-los funcionar.”

Ou seja, não se ignora que parcela significativa da população atingiu idade avançada, como não há dúvida de que, mesmo em países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, a população de idosos esteja crescendo. Todavia, a visibilidade da violência contra os idosos ainda não foi atingida, apesar de alguma mobilização social e de trabalhos como o de Faleiros (2007) e Côrte (2007). Os autores defendem que a mídia não reproduz os fatos sobre a violência contra idosos.

Os crimes tendo o idoso como vítima da violência começam a despertar a atenção da mídia pernambucana, especialmente quando contra idosos de classe média ou alta, a exemplo do homicídio do psicanalista Antonio Carlos Escobar, publicado nos jornais Folha de Pernambuco, Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco em 2005. A notícia mereceu destaque desde a morte até a prisão de todos os suspeitos do crime: foram dez dias nos quais a imprensa pernambucana acompanhou toda a investigação. No mesmo mês (dezembro) um Policial Militar reformado foi assassinado em um bar, e o fato foi veiculado somente pela Folha de Pernambuco na editoria de Polícia. Não houve nenhuma notícia sobre prisões

de suspeitos, menos ainda cobrança, da mídia, às autoridades policiais sobre o andamento do inquérito.

O noticiário sobre violências no Estado de Pernambuco ainda é produzido a partir de boletins de ocorrência. A mídia continua elegendo como fonte preferencial de informações a instituição policial, isto é, o aparato autoritário de Estado. Ao privilegiar apenas uma voz, o jornalismo impresso de Pernambuco obscurece os pontos de vista sobre violência e velhice.

Entre os jornais analisados, a Folha de Pernambuco tem perfil mais popular, e explora os fatos policiais a partir da maior cobertura à violência e à velhice. Mas os banaliza e faz deles espetáculo. Não reflete sobre causas e tampouco promove debate entre as organizações representativas dos idosos e a sociedade em geral. Esse tipo de imprensa - sensacionalista - não forma o público, mas o aproxima da notícia, contudo despersonalifica o indivíduo e realça o insólito e trágico. Pergunta-se: onde está a ética jornalística e a responsabilidade social da mídia?

No plano público, a acentuada divulgação da imagem da “terceira idade”, “feliz idade”, “velhice ativa” participante e, especialmente, consumidora, contribui para a não visibilidade da exposição dessa população diante das violências e abusos. Estudos sobre violência no Brasil começam a incluir a vitimologia, ciência que estuda as vítimas dos crimes. Os achados indicam que os criminosos selecionam os alvos que lhes parecem mais vulneráveis, entre eles idosos e mulheres. Se se pensar em garantir segurança aos idosos, não basta haver atenção no cumprimento das leis especiais de proteção aos idosos (o que se encontra muito longe da realidade), mas também oferecer atenção especial quando se pensa em segurança pública. Combater furtos, roubos e estelionatos significa também estar atento à maneira como os delitos atingem a população mais frágil.

No plano doméstico, a situação é ainda mais complexa. Associa-se imediatamente “violência doméstica” à violência contra crianças e adolescentes e contra as mulheres. Parece haver “esquecimento”, por parte dos operadores do Direito, ONGs e movimentos sociais, pois idosos também são vítimas dessa

violência doméstica, e vítimas para as quais o Estado não volta seus olhos. Por outro lado, não se deve ignorar que muitos idosos se destacam nas estatísticas de abusos a crianças e adolescentes. Sempre houve esse tipo de abuso por parte dos idosos, mas passou a fazer parte das estatísticas porque há mais denúncias. A Rede Criança, por exemplo, recebe denúncias encaminhadas pelas varas de infância, varas criminais, Conselho Tutelar, hospitais e pessoas envolvidas com as vítimas. O Portal do Envelhecimento monitora violência/velhice, e mensalmente apresenta a tendência da violência no país.

Já há tradição no enfrentamento nas questões de violência doméstica contra mulher. Um dos efeitos da Lei Maria da Penha é que o acionamento do policiamento se faz sem pudores. Trata-se agora de crime, até mesmo anonimamente denunciável, para o qual o policiamento ostensivo tem buscado oferecer resposta rápida. Todavia, faltam abrigos e programas de tratamento para agressores e vítimas, e efetiva condenação de homens agressores.

Há ainda uma mecânica instalada de proteção às crianças e adolescentes que vai do acionamento do Conselho Tutelar à notificação obrigatória de suspeita de violência observada por professores, médicos, psicólogos e assistentes sociais. E existe rede de proteção formada por agentes de saúde, agentes sociais e educadores informais que receberam treinamento para identificar as situações de violência. Conta-se também com redes de abrigos, temporários e de longa duração, e busca de soluções de acolhimento para as crianças vitimizadas na família ampliada, atendimento dos processos nos tribunais em varas especiais e monitoramento das ações das instâncias de governo por conselhos, acordos internacionais e ONGs.

A comparação com a questão dos maus-tratos dos idosos revela que o aparato de diagnóstico e intervenção é bastante inferior ao dos demais campos mencionados. Abrigos para idosos são sinônimos de abandono, não acionados para proteger vítimas de maus-tratos. Além disso, os idosos não os veem culturalmente como locais protetores ou protegidos. Trata-se de cultura a ser construída nos países latino-americanos. A violência contra o idoso ainda não é tomada como questão social, ou de saúde pública, embora esta pesquisa

reconheça a existência de políticas públicas. A família se sente como única responsável pelo bem-estar do idoso e não vê a implementação de leis que a ajudem no cuidado.

Como o palco das ações de violência é a própria família, supõe-se que as ocorrências de violência não tenham padrões isolados, ou seja, tudo articularia para que os sistemas de atenção à violência doméstica se ocupassem das violências domésticas, diferenciando-se, assim, os aparatos de intervenção dos problemas detectados. No mínimo dever-se-ia buscar sinergia entre os sistemas de atenção, diagnóstico e prevenção de violência.

Agentes de saúde, assistentes, psicólogos, fisioterapeutas e geriatras não têm percepção do problema dos maus-tratos contra idosos, e aparatos técnicos para diagnosticar e intervir precisam ser criados. O despreparo é gritante.

Esta pesquisa revela que a mídia, ao noticiar os crimes nos quais os idosos são vítimas da violência, apresenta a fragilidade dessa etapa da existência humana. Supostamente, as pessoas idosas podem ser dominadas mais facilmente, expostas à violência dentro ou fora de casa. Diversas ocorrências o comprovam. A pesquisa revela ainda que o Estado e a sociedade se aproveitam física, sociocultural e politicamente da fragilidade das pessoas idosas.

A mídia pernambucana mostra como os idosos, destituídos de sua autoridade - reconhecimento do poder de ter e transmitir conhecimento - pela sociedade, diminuição da força física e diminuição da força econômica, estão desprotegidos.

A mídia impressa pernambucana, no período estudado, se mostrou sem compromisso. Quer, este trabalho, colocar como eixo da compreensão o deslocamento da violência em si mesma para a fragilidade que a possibilita, se se quiser situar melhor as notícias veiculadas sobre violência e velhice, e criar o cenário de cultura que entenda o envelhecimento como acontecimento da vida.

Não observamos nos recortes analisados menção ao Estatuto do Idoso, a não ser em apenas nos resultados onde aparece o idoso como vítima, especificamente na subcategoria Prevenção, quando ele fundamenta ações educativas e de prevenção à violência. Tampouco foi encontrada a realidade

particular de cada violência cometida, tendo a pessoa idosa como vítima ou acusada. O Estatuto do Idoso, em seu art. 4º, afirma que nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.

Mas a pesquisa também mostrou que existe espaço para a divulgação dos casos nos quais a pessoa idosa é a acusada, não a vítima. Nos recortes não foi possível identificar se a pessoa idosa se tornou criminosa após os 60 anos ou se simplesmente era criminosa e envelheceu no crime. A proporção entre vítimas e autores indicou maior frequência dos crimes cometidos contra os idosos, mas houve incidência significativa de crimes cometidos pelas pessoas idosas. Aspecto interessante é a superação da imagem dos idosos apresentados quase exclusivamente como “bonzinhos”, “sábios” e sem preocupações que não viver a vida.

Em contrapartida, a preocupação é que o efeito acumulado da divulgação das pessoas idosas como capazes de cometer violência, associado à já mencionada divulgação intensa da imagem da “idade feliz”, contribui para não se considerar as pessoas idosas apenas como frágeis e que demandam cuidados.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BISQUERRA, R.; SARRIERA,J.C.; MARTÍNEZ, F. *Introdução à estatística. Enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. São Paulo: Artmed, 2004.
- BORDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder. Uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CÔRTE, Beltrina. *Velhice e violência na mídia: as narrativas na cobertura dos jornais diários de SP*. Relatório de pesquisa de Pós-Doutorado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.
- DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPESP/EDUSP, 2004.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O discurso da violência*. São Paulo: Cortez, 2003.
- FALEIROS, Vicente P. *Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressões*. Brasília: Universa, 2007.

- FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2004.
- HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o “mugging” nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega Editora, 1999.
- HOUAISS, Antônio, et al. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MELO, José Marques de. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1972.
- MERCADANTE. Elisabeth F. *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. Tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1997
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência contra idosos: o avesso do respeito à experiência e à sabedoria*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório sobre violência, 2002.
- OUTHWAITE, William. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- PEELO, M.; Francis, B; Soothill, K; Pearson, J; Ackerley, E. *Newspaper reporting and the public construction of homicide*. In: British Journal of Criminology, 44, pp. 256-275, 2004.
- ROLIM, Marcos. *A síndrome da rainha vermelha: policiamento e segurança pública no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- RONCHETTI, Gustavo. *Mídia, violência e sistema penal: o caso do jornal Diário Gaúcho*. Disponível em: <http://www.amprs.org.br/images/M%c3%8ddia,%20VIOL%c3%8ancia%20E%20SISTEMA%20PENAL.pdf>. Acesso em: 19/04/2007.
- SARTI, Cynthia A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2003.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Por que as Notícias São Como São*.
- WAGNER, M.B.; MOTTA, V.T.; DORNELLES, C. *SPSS passo a passo: statistical package for the social sciences*. Caxias do Sul: Educhs, 2004.

Apêndice 1

Questionário Recortes de Jornais

Número do recorte:

1. Mês da notícia:

janeiro	1	fevereiro	2	março	3	abril	4
maio	5	junho	6	julho	7	agosto	8
setembro	9	outubro	10	novembro	11	dezembro	12

2. Dia da notícia:

3. Dia da Semana da notícia:

domingo	1	Segunda-feira	2	Terça-feira	3	Quarta-feira	4
Quinta-feira	5	Sexta-feira	6	Sábado	7		

4. Jornal:

Diário de Pernambuco	1	Folha de Pernambuco	2	Jornal do Commercio	3
----------------------	---	---------------------	---	---------------------	---

5. Editoria:

Polícia	1	Últimas	6	Política	11
Vida urbana	2	Grande Recife	7	Economia	12
Cidades	3	Opinião (Cartas)	8		
2ª capa	4	Brasil	9		
Geral	5	2ª edição	10		

Recorte da Editoria

6. Presença de título no texto?

Sim	1	Não	2
-----	---	-----	---

7. Se sim, copiar.

8. Frase de destaque (sub-título)?

Sim	1	Não	2
-----	---	-----	---

9. Se sim, copiar.

10. Presença de Olho?

Sim	1	Não	2
-----	---	-----	---

11. Se sim, copiar.

12. Presença de intertítulo?

Sim	1	Não	2
-----	---	-----	---

13. Se sim, copiar.

Tipo de Linguagem

14. Presença de adjetivação?

Sim	1	Não	2
-----	---	-----	---

15. Se sim, copiar a(s) frase(s).

Quanto à informação

16. Fonte:

Diretas	1	Indiretas	2	Adicionais	3
---------	---	-----------	---	------------	---

- 1) Diretas (pessoas envolvidas em um fato diretamente)
- 2) Indiretas (pessoas que, por dever profissional, sabem de um fato, tipo delegado que comenta um assassinato, polícia etc.)
- 3) Adicionais (aqueles que fornecem informações suplementares ou ampliam a dimensão)

17. Personagem

Pessoa Comum	1	Pessoa Pública	2
--------------	---	----------------	---

18. Espaço: onde ocorreu o fato?

Espaço Público	1	Espaço Privado	2
----------------	---	----------------	---

19. Violência tendo o idoso como vítima:

Violência física	1
Violência psicológica	2
Violência sexual	3
Abandono	4
Negligência	5
Abuso financeiro e econômico	6
Autonegligência	7
Acidente de trânsito	8
Prevenção	9
Outros	10

20. Violência tendo o idoso como acusado:

Crimes contra vida	1	Sedução e corrupção de menores	7
Lesões corporais	2	Do lenocínio e tráfico de pessoas	8
Crimes contra liberdade individual	3	Tráfico de entorpecentes	9
Crimes contra o patrimônio	4	Outros	10
Estelionato e outras fraudes	5		
Crimes contra a liberdade sexual	6		

Apêndice 2

Freqüência Absoluta das Categorias

A – Distribuição da freqüência da presença de editoria nas notícias publicadas sobre a pessoa idosa e a violência. 2005 e 2006 (n=219).

Presença de Editoria	Sim	
	N	%
Polícia	60	27,4
Vida urbana	35	16,0
Cidades	53	24,2
Segunda Capa	9	4,1
Geral	12	5,5
Últimas	6	2,7
Grande Recife	31	14,2
Opinião (cartas)	7	3,2
Segunda Edição	2	,5
Editorial	1	,5
Política	1	,9
Brasil	1	,5
Economia	1	,5
Total	219	100,0

B – Distribuição da freqüência da presença de fonte, personagem e de espaço onde ocorreu a notícia publicada sobre a pessoa idosa e a violência. 2005 e 2006 (n=219).

Presença de	Sim	
	N	%
Fonte		
direta	16	7,3
indireta	91	41,6
adicionais	34	15,5
direta e indireta	46	21,0
indireta e adicionais	25	11,4
direta, indireta e adicionais	2	,9
direta e adicionais	5	2,3
Total	219	100
Personagem		
Pessoa Comum	190	86,8
Pessoa Pública	29	13,2
Total	219	100
Espaço onde ocorreu a notícia		
Espaço Público	106	48,4
Espaço Privado	113	51,6
Total	219	100

C – Distribuição da freqüência da presença de título, sub-título, olho inter-título e adjetivação no texto das notícias publicadas sobre a pessoa idosa e a violência. 2005 e 2006 (n=219).

Presença de	Sim	
	N	%
Título no Texto	217	99,1
Sub-título no Texto	77	35,2
Olho	37	16,9
Inter-título no Texto	24	11,0
Adjetivação no Texto	0	0

D – Distribuição da freqüência do mês no qual a notícia foi publicada sobre a pessoa idosa e a violência. 2005 e 2006 (n=219).

Mês no qual a notícia foi publicada		
	N	%
Janeiro	26	11,9
Fevereiro	11	5,0
Março	18	8,2
Abril	17	7,8
Maio	31	14,2
Junho	9	4,1
Julho	27	12,3
Agosto	17	7,8
Setembro	8	3,7
Outubro	10	4,6
Novembro	15	6,8
Dezembro	30	13,7
Total	219	100,0

E – Distribuição da freqüência do dia da semana na qual a notícia foi publicada sobre a pessoa idosa e a violência. 2005 e 2006 (n=219).

Dia da Semana na qual a notícia foi publicada		
	N	%
Domingo	17	7,8
Segunda-feira	45	20,5
Terça-feira	33	15,1
Quarta-feira	37	16,9
Quinta-feira	45	20,5
Sexta-feira	15	6,8
Sábado	27	12,3
Total	219	100,0

Tabela 6 – Distribuição da freqüência do jornal no qual a notícia foi publicada sobre a pessoa idosa e a violência. 2005 e 2006 (n=219).

Jornal no qual a notícia foi publicada		
	N	%
Diário de Pernambuco	45	20,5
Folha de Pernambuco	105	47,9
Jornal do Commercio	68	31,1
Total	218	99,5

F – Distribuição da freqüência do ano no qual a notícia foi publicada sobre a pessoa idosa e a violência. 2005 e 2006 (n=219).

Ano no qual a notícia foi publicada		
	N	%
2005	117	53,4
2006	102	46,6
Total	219	100,0

G – Distribuição da freqüência da publicação de notícias sobre a pessoa idosa como vítima da violência. 2005 e 2006 (n=219).

Violência tendo o idoso como vítima		
	N	%
Física	105	47,9
Psicológica	4	1,8
Sexual	4	1,8
Abandono	5	2,3
Abuso financeiro e econômico	36	16,4
Prevenção	11	5,0
Não se aplica (pessoa idosa como acusada da violência)	50	22,8
SubTotal	215	98,2
Perdas	4	1,8
Total	219	100,0

H - Distribuição da freqüência da publicação de notícias sobre a pessoa idosa como acusada da violência. 2005 e 2006 (n=219).

Violência tendo o idoso como acusado		N	%
Crime contra a vida		18	8,2
Lesão corporal		1	,5
Crime contra a liberdade individual		1	,5
Crime contra o patrimônio		2	,9
Crime contra a liberdade sexual		5	2,3
Sedução e corrupção de menores		2	,9
Do lenocínio e tráfico de pessoas		2	,9
Tráfico de entorpecentes		3	1,4
Crimes diversos		16	7,3
Não se aplica (pessoa idosa como vítima da violência)		169	77,2
Total		219	100,0

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)

[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)

[Baixar livros de Literatura Infantil](#)

[Baixar livros de Matemática](#)

[Baixar livros de Medicina](#)

[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)

[Baixar livros de Meio Ambiente](#)

[Baixar livros de Meteorologia](#)

[Baixar Monografias e TCC](#)

[Baixar livros Multidisciplinar](#)

[Baixar livros de Música](#)

[Baixar livros de Psicologia](#)

[Baixar livros de Química](#)

[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)

[Baixar livros de Serviço Social](#)

[Baixar livros de Sociologia](#)

[Baixar livros de Teologia](#)

[Baixar livros de Trabalho](#)

[Baixar livros de Turismo](#)